

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA PUC - SP  
CURSO PÓS-GRADUAÇÃO – HISTÓRIA, SOCIEDADE E CULTURA.

Luiz Carlos De Souza Passos

“SETE ANOS DE LUTAS E RESISTÊNCIAS OS QUEIXADAS”



**PUC-SP**

SÃO PAULO  
2017

LUIZ CARLOS DE SOUZA PASSOS

RA: 00158177

“SETE ANOS DE LUTAS E RESISTÊNCIAS OS QUEIXADAS”

Projeto experimental apresentado no curso de história, sociedade e cultura na Pontifícia Universidade Católica PUC- SP, com o requisito parcial para obtenção do título de Pós Graduação em 2017, sob a orientação da Professora Maria do Rosário.

SÃO PAULO  
2017

“SETE ANOS DE LUTAS E RESISTÊNCIAS OS QUEIXADAS”

LUIZ CARLOS DE SOUZA PASSOS

RA: 00158177

Monografia apresentada no curso de Pós-Graduação com requisito parcial para obtenção do Título de Pós-Graduação em 2017, sob a orientação da Professora Maria do Rosário.

---

Professora Orientadora: Maria do Rosário.

---

Nota.

SÃO PAULO  
2017

## SUMÁRIO

1	CAPA.....	
2	FOLHA DE ROSTO.....	
3	FOLHA DE APROVAÇÃO.....	
4	SUMÁRIO.....	
5	INTRODUÇÃO.....	
6	PERUS O BAIRRO DOS MINÉRIOS.....	
6.1	A CONSTRUÇÃO DA ESTRADA DE FERRO.....	
6.2	A FÁBRICA MARCAVA O TEMPO NO BAIRRO DE PERUS .....	
6.3	A VENDA COMPANHIA DE CIMENTO PORTLAND PERUS.....	
6.4	A GREVE DE 1958 E O SURGIMENTO DOS QUEIXADAS .....	
6.5	QUEIXADAS VOLTA ENFRENTAR O PODEROSO ABDALLA.....	
6.6	A LUTA POR DIREITOS SOCIAIS COMO SALÁRIO FAMÍLIA .....	
6.7	A GREVE DE 1962 CONTRA O GRUPO ABDALLA.....	
6.8	O GOLPE CIVIL E MILITAR DE 1964.....	
6.9	O MAU PATRÃO SE VINGA DOS EMPREGADOS .....	
7.0	A LEI NÚMERO 4330 E A CRIAÇÃO DO FGTS .....	
7.1	COLAPSO NAS CONTRADIÇÕES INTERNA DA COMPANHIA DE CIMENTO .....	
7.2	A VITÓRIA DOS TRABALHADORES EM 1969.....	
7.3	O FIM DO GOVERNO MÉDICI E O INÍCIO DO GOVERNO GEISEL.....	
7.4	AS MULHERES QUEIXADAS .....	
7.5	A ÚLTIMA GREVE E O FECHAMENTO DA FÁBRICA 1986.....	
7.6	JOSÉ JOÃO ABDALLA, O “MAU PATRÃO” .....	
7.7	ABDALLA X DOUTOR MÁRIO CARVALHO DE JESUS .....	
7.8	QUEM GANHOU E QUEM PERDEU ?.....	
7.9	PELEGOS X QUEIXADAS E A LEI 1244 / 2007.....	
8.0	ANEXOS .....	
8.1	CONCLUSÃO .....	
8.2	BIBLIOGRAFIA.....	

## INTRODUÇÃO

O ano de 1958 os Trabalhadores da Companhia de Cimento Perus se organizam em uma Greve que mudou a história desses funcionários enfrentando o poderoso João Jose Abdalla, conseguem se unir em um Grupo que entrará para a História como os Queixadas, unidos pela firmeza permanente conseguem mudar os rumos dos direitos sociais no país, com a vitória todos os trabalhadores conseguem o direito ao salário- família , mas a luta continua nos anos seguintes por melhores condições de trabalho e salários.

No ano de 1962 esses trabalhadores decidem por mais uma vez reivindicar o seu direito de greve em pleno governo do Presidente João Goulart, se unem mais uma vez em torno do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Cimento, Cal e Gesso de São Paulo e a Frente Nacional do Trabalho liderada pelo Advogado Doutor Mário Carvalho de Jesus, contra o Grupo do Abdalla.

A mais longa greve do mundo irá passar pela Ditadura Militar com o Golpe de Estado pelo Presidente Castelo Branco, deposição do Presidente João Goulart, Junta Governativa, Costa e Silva e Atos Institucionais I, II e V, tendo seu fim em 1969 os trabalhadores ganham o direito de voltar ao trabalho com grande emoção e festa a imprensa esteve na portaria da fábrica junto com os familiares prestigiando o retorno ao trabalho.

As indenizações só foram pagas no Governo do Presidente Geisel, em 1975, e a fábrica passou por uma intervenção federal. Mas a luta contínua destes trabalhadores continuou pela modernização dos equipamentos e a implantação de filtros para não jogar cimento na atmosfera, e contribuir pela poluição de Perus.

O Grupo consegue na Justiça em 1979 à administração da empresa em 1979, e passam a administrar a empresa que a vinha perdendo mercado nacional, sem a modernização dos equipamentos começam perder o mercado interno e no ano de 1983 a ferrovia Perus Pirapora é encerrada suas atividades, no ano de 1986 ocorre á ultima greve colocando a empresa em grandes dificuldades e o seu encerramento no ano de 1987.

Hoje no imaginário do bairro de Perus esses homens e mulheres mudaram o cenário nacional em defesa de direitos na luta pela não violência, e formaram um Grupo os Filhos da Luta que se reúnem todo ano sempre no 1º de Maio para uma roda de conversa.

## 6.0 - Perus o bairro dos Minérios

Perus o último bairro da Cidade de São Paulo, tem como Cidades vizinhas Caieiras, Cajamar, Santana do Parnaíba e Osasco. O Surgimento do bairro se dá com a construção da Estrada de Ferro São Paulo Railway Company, de capital inglês e do seu maior empreendedor o Barão de Mauá um brasileiro, com a Construção da Estação de Perus, que seria um ponto de abastecimento das locomotivas á vapor da SPR passou a ser a célula mártir para o nascimento do bairro, que antes da estação era uma rota de tropeiros que levavam alimentos e gado de São Paulo para a província de Jundiaí, pela Rua Mogeiro, o bairro divide a distância ao meio, e metade do caminho entre as duas cidades. Até 1867, o bairro não passava de uma vila distante do Distrito da Freguesia do Ó. Conhecida como sítio fazendinha, com a inauguração da SPR 16/02/1867 Perus, a linha férrea foi determinante para o bairro, se a localidade estava associada apenas para um ponto de reabastecimento de locomotivas com água para concluir o seu percurso, o bairro atraiu pessoas e comércios, antes da chegada dos trilhos e da primeira fábrica de cimento, Perus era pequena, dividida em sítios e uma fazenda, o bairro não tinha nada, o seu Nome Perus<sup>1</sup> está ligado ao imaginário popular que uma senhora com o nome de Dona Maria, proprietária de um ponto de pouso para os tropeiros e que vendia Perus, daí vem o nome Perus, mas no bairro nunca se viu uma ave. Ficou o nome Perus que tem até os dias de hoje na Estação da CPTM Perus-Linha 7 Rubi.

A partir de 1870 além da ocupação e urbanização do interior e do desenvolvimento de São Paulo, o Café gerou grandes capitais e trouxe mão de obra qualificada de Imigrantes Europeus, possibilitando um crescimento industrial, a partir deste momento o café e as ferrovias se se associaram cada um favorecendo o outro, o que rapidamente cobriu o Estado de São Paulo com uma rede de ferrovias tributárias a SPR, por sua vez, eram servidas de numerosas ferrovias pequenas que percorriam cafezais, muitas delas com bitola estreita.

O bairro do Século XIX, Até o início do Século XX, era parecido com um quintal de uma grande fazenda, a partir do início do Século XX, a Capital Paulista

precisava de paralelepípedos e de pedras e cal, para o calçamento e para construção de edifícios e casas.

As descobertas de jazidas de Caulim em Cajamar cidade vizinha, os empreendedores do bairro Doutor. Sylvio de Campos, Clemente Neid Hart, Mario W. Tibiriçá uniram-se com a Família Bedenutt, de água Fria e Gato Preto na Criação da CIEFPP, Companhia Industrial das Estradas de Ferro Perus Pirapora em 1910 fazem um pedido ao Governo do Estado de São Paulo para construção da ferrovia para o transporte de Cal para os Trens da SPR na Estação Perus, o projeto é negado pelo Estado, o Projeto é remodelado levandoromeiros para a Cidade de Bom Jesus de Pirapora e extraíndo cal das jazidas de Cajamar, o projeto é aprovado em 1910, quando se inicia á construção da Ferrovia Perus Pirapora, inaugurado em 05 de Agosto de 1914, o trecho inicial de Perus até o KM 16, Desde chamado entroncamento fizeram alguns ramais para adequar às operações da empresa, passado 10 anos houve uma separação das atividades, uma voltada para extração do calcário à outra com a finalidade de operar como ferrovia e passou a se chamar Estrada de Ferro Perus Pirapora. Que atraiu Hungareses, Espanhóis, Portugueses e Mineiros. No Brasil, existia a falta de Cimento tipo Portland, que era importado da Inglaterra e da Polônia vinha em barricas de madeira, como tudo era importado, se tornava caro, o interesse na Construção de uma Fábrica Nacional era gigante.

A Estrada de Ferro Perus Pirapora, o seu nome ficou apenas na sua razão social foi uma manobra no jeitinho Brasileiro, para que a Empresa conseguisse sua autorização do Governo do Estado de São Paulo, quando os trilhos chegaram a Água Fria pararam por ali, nunca chegou ao Município de Bom Jesus de Pirapora conforme proposta de levar Romeiros e a estrada de ferro operou com minérios de 1914 á 1983 encerrando suas atividades. Em 1987 o Condephaat tombou o Material Rodante, Linha Férrea, Documentos e Fotos.

## **6.1 - A construção da Estrada de Ferro era o Futuro para a Construção da Fábrica**

Abertos os trilhos, em bitola de 60 cm à linha tronco saiu da Estação Perus SPR, acompanhando o sinuoso Rio Juqueri, que se estende até as jazidas de calcário, lançou um ramal que cruzou o rio Juqueri, e se estendeu até as pedreiras, inicialmente este ramal levava até o Gato Preto, onde foram construídos fornos de cal e o único viaduto que a ferrovia teve, o cal produzido supria as necessidades da Capital Paulista e de novas Cidades fundadas pela cultura do café. A ferrovia tinha duas estações: Perus, pertencendo a SPR, no quilometro zero, e a Estação Entroncamento, sem nenhuma edificação, possuía 9 postos telefônicos para o tráfego. A linha tinha aproximadamente 24 km de extensão. Abriu-se caminho para Construção de uma Fábrica de Cimento de grande porte que se tem história no Brasil, a Companhia Brasileira de Cimento Portland Perus<sup>2</sup>, conhecida como Cimento Perus.

Um grupo Canadense da Indústria Drysdale y Pease, de Montreal do setor cimenteiro, fez uma proposta para os fundadores da Estrada de Ferro Perus Pirapora, de transformar o calcário extraído das pedreiras de Cajamar em Cimento, em 1924, é criada a Companhia de Cimento Portland Perus, e deixava as mãos dos Brasileiros para capital estrangeiro e compra de maquinário, em Abril de 1925, o local já estava pronto, e em 24 de Abril de 1926, começa a produção do primeiro cimento do país.

Os primeiros trabalhadores ao colocarem seus pés na Fábrica são também muitos que acompanharam a mudança de Gestão, em um período em que direitos trabalhistas eram poucos, a Fábrica passou a contratar Estrangeiros que vinham trabalhar como Médicos, Engenheiros, Arquitetos e Químicos. Famílias inteiras atravessaram o Oceano Atlântico, para trabalhar no Cimento Perus.

Já gente simples e humilde do interior e do nordeste, vinha para o serviço braçal, para carregar saco de cimento nas costas de sol a sol ou de chuva a chuva. Centenas de homens trabalhavam dia e noite, tanto na fábrica como na ferrovia e nos fornos de Cajamar, em 1927, a produção chegasse a vinte cinco mil toneladas, de gente vinda de todos os cantos do Brasil e do Mundo, nesse tempo, o país inteiro chegava a consumir 496.582 Toneladas de Cimento Anual. Dessa necessidade, apenas cento e vinte e cinco mil vinham dos Fornos do Cimento Perus.

Mas, além da produção, a Fábrica é palco de muitas histórias que liga todas essas pessoas, sejam elas Brasileiras ou Estrangeiras ali todos se tornaram peruenses, da primeira Fábrica de Cimento Perus. Foram estas famílias que fizeram reivindicações sociais a favor de direitos trabalhistas a todos esses homens e mulheres que ali se encontravam.

Todas as famílias se uniram junto com a comunidade e igreja católica e sindicato e moradores do bairro de Perus, todos viviam em Perus, respirava de todas as formas o cimento naquele bairro. Todo o bairro dependia dessa matéria – prima, direta ou indiretamente da fábrica.



Mapa geral da ferrovia, adaptado do mapa da revista japonesa *Steam Locomotives*, nº 7 (1972), por Nilson Rodrigues. As principais estações e pátios estão destacadas em cor laranja.

O rio margeado pela ferrovia na maior parte do seu percurso é o Juqueri.

## 6.2 - A Fábrica marcava o tempo no Bairro de Perus.

Durante muitos os Sinos das Igrejas marcaram a vida das pessoas que viviam em torno da capela, como os horários para acordar, trabalhar, almoçar, missa, batismo e até a morte de alguém.

Com a revolução Industrial na Inglaterra, as fábricas passaram a controlar o tempo das pessoas, esse sinal de apito avisava a hora de entrar para o trabalho, almoço e da saída ou entrada dos trabalhadores.

No Brasil não foi diferente, o sinal da Fábrica passou a controlar a vida dos moradores de Perus, as pessoas passaram se acostumar com o apito da Fábrica de Cimento Perus. Aquele era o relógio de Perus.

A fábrica apitava às 06:00 , 06:00, 10:00, 10:30 14:00, 14:30 ,18:00, 22:00, 22:30 e o último às 24:00.

A fábrica trabalhava com contra turnos, eram 5 no mês....toda semana mudava...

Mas o horário das 10:30 era o horário de Confraternização no refeitório da Fábrica, muitos familiares como filhos ou esposas se reuniam para levar a sua marmita, aonde a família se reunia para um momento de descontração e de conversas.

Maquinistas, folquistas, guardas- trem um entrava às 06:00 da manhã outro entrava às 18:00 de segunda a sábado direto, o único dia de folga era aos domingos.

Muitos dos trabalhadores para o sustento da família dobrava os turnos, com tanto trabalho não restava tempo de se aproximar da família.

No horário do almoço ou janta, famílias inteiras iam se encontrar com os seus pais, maridos e filhos, levando aquilo que iriam sustentar as mãos de homens que faziam aquele Cimento a construção do país e 80% da Construção da Nova Capital Federal Brasília.

Várias famílias moravam ao redor da fábrica, todo mundo se conhecia, cada criança conhecia os pais da outra criança, elas aproveitavam a ida até o refeitório não só para levar a comida do pai, mas aquelas que eram oferecidas por outras famílias. Outros aproveitavam esse tempo de almoço para jogar truco ou dominó... Outros iam se refrescar na Bica Santo Antônio... Outros almoçavam de baixos de árvores e aproveitavam para descansar, enquanto as crianças buscavam dessa água para seus pais.

Além do Trabalho que muitos trabalhadores tinham na Fábrica de Cimento Perus e da Estrada de Ferro Perus Pirapora, os trabalhadores na medida em que iam se casando solicitava a chefia uma casa para moradia, era dada a casa com 4 cômodos, com água e luz elétrica.

Mas não existiam muros da Fábrica o local era praticamente aberto, devido os filhos ou esposas ter livre acesso ao refeitório e Vila para levarem o almoço ou janta para seu marido.

As casas eram cedidas pela própria fábrica, sem custo algum ao trabalhador, era uma forma de controle interno para que este mesmo não chegasse atrasado ao serviço, era uma forma de controle sobre as pessoas por parte da empresa, tempo é dinheiro.

Uma vila de gente simples e humilde, todos eram trabalhadores, recebe o nome até hoje de Vila Triângulo, um local formado por casas em duas fileiras, uma de um lado e outra do outro, os trilhos da Estrada de Ferro Perus Pirapora fazia uma linha invisível formando um Triângulo.

Assim como toda Vila ou Cidade do Interior, existe uma Capela no Centro das Casas, hoje todas abandonadas, todas redistribuídas em forma triangular. O sino da capela já não soa mais devido a sua degradação e abandono.

Todos os casais recém- casados, mesmo tendo casa própria, tinham direito de solicitar a sua chefia uma casa, para ficar mais próximo do trabalho, existiam algumas pessoas que a partir do ano de 1958, tinha televisão em casa, à noite os vizinho iam a casa para assistir televisão e conhecer a novidade.

A distração dos moradores da Vila era duas, o Sino da Capela e a outra os bailes do Senhor Manoel Gaspar que organizava todos os sábados festas e bailes conhecidos como caramanchão, ele além das festas de Rock Roll, Jovem Guarda entre outras músicas, num tempo em que Perus não tinham nada, este salão de baile, era a diversão de muitos, com música e quantos namoros não saiu destes bailes. O Bairro, não tinha energia elétrica, não tinha rádio, e quem queria ouvir música boa tinha que ir aos bailes...

Neste mesmo período o SESI São Paulo, levava cinema para os filhos dos trabalhadores de Bandidos e mocinhos e faroeste, filmes em preto e branco com um maquinário muito antigo era improvisado na sede, com uma estrutura mínima, a projeção era feita em fundo de um tecido branco, era exibida para molecada e alegria de muitos.

Era uma vida feliz para muitos dos trabalhadores, as crianças aproveitava o Rio Juquery, para nadar e fazer suas travessuras...

Na entrada do Portão principal da Fábrica existia uma Pensão para os solteiros, que era do Senhor Manoel Gaspar e na Antiga Fábrica de Pólvoras da Família Edwiges Dias, era uma pensão para os solteiros do Senhor Pista.

### **6.3 - A venda Companhia de Cimento Portland Perus, de uma empresa de administração Canadense para um Brasileiro.**

O Ano de 1951 acontece à venda da Companhia Brasileira Cimento Portland Perus e da Estrada de Ferro Perus Pirapora e as jazidas de Calcário de Cajamar para um Brasileiro, José João Abdalla, que era Deputado Federal pelo Partido Democrático Brasileiro (PSD) e foi secretário do Trabalho do Governador Ademar Barros de 1950 e 1951, o Grupo Abdalla, com mais de 30 empresas, nos ramos Industriais, Bancário e agropecuário, neste mesmo seus negócios prosperam ainda mais, com a Compra da Fábrica, passa ser o sócio majoritário da Indústria Cimenteira.

Na compra da Fábrica, Abdalla convoca todos os seus funcionários, moradores e comerciantes de Perus, para uma grande festa com churrasco. Ele cumprimentou todos que adentraram a festa, prometeu um Hospital para o Bairro de Perus... Que só ficou na promessa até os dias de hoje.

Passado os meses Abdalla, controlava a única fábrica de Cimento em São Paulo, e não demorou muito para ser apelidado como “Mau Patrão” por gerir a fábrica de forma imprudente e com economias na manutenção dos equipamentos reduzindo custos. Os equipamentos passaram a ter manutenção precária... As manutenções periódicas, corretivas e preventivas acabaram.

Essa falta de manutenção forçava os equipamentos, e a causa era a paralisação de várias etapas da produção do cimento, devido à quebra dos equipamentos, com a falta de investimentos na fábrica e nos funcionários, foi se abrindo caminho para a organização dos trabalhadores no sindicato para reivindicações trabalhistas.

A partir de 1954, os trabalhadores começaram a ser organizar no Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Cimento, Cal e Gesso de São Paulo, através de reclamações trabalhistas que foram bem sucedidas, junto a Justiça do Trabalho, e aos poucos os trabalhadores perceberam que não há razão para medo ou represarias quando se diz a verdade: esta ação fortalece o Sindicato e os trabalhadores, depois de Três anos desse trabalho e reclamações ganhas pelo Sindicato, em 1957 o Grupo Abdalla tentou bloquear o trabalho sindical, e determinou que 150 trabalhadores de Perus, fossem transferidos para outras empresas do grupo, para extração de pedra, no litoral Paulista. Para o Sindicato essa transferência era perseguição... Disse João Breno, que mais tarde seria eleito o Presidente do Sindicato. Imediatamente esses trabalhadores foram convidados para uma reunião, e perceberam a manobra do Grupo Abdalla.

Após a reunião, os trabalhadores se organizaram em uma Assembleia e decidiram enviar um ofício à Fábrica de Cimento Perus, com fotografias, comprovando a desnecessária transferência para o Litoral Paulista. Prontamente os operários conseguiram reverter à situação e permaneceram na fábrica de cimento.

## 6.4 - A Greve de 1958 e o surgimento dos Queixadas

Tudo começa em Outubro de 1958, quando deveria ocorrer um reajuste anual de Salário no Cimento Perus e em outras 4 Fábricas de Cimento do Estado de São Paulo. Os trabalhadores tentaram negociar direto com o Grupo Abdalla, o reajuste, mantendo contato com o empregador.

Na fase preliminar de um acordo coletivo, dirigidos pelo Presidente da Federação, celebraram um acordo de 30% de reajuste salarial, em 15 de Outubro de 1958. Possivelmente o acordo ficaria-nos 30%, mas os trabalhadores foram alertados por jornais, da alta do preço do cimento, em virtude do aumento salarial em vigor a partir de 1º de Outubro de 1958, o aumento do preço de 1/7 sobre o preço por saco, o produto seria aumentado em 7 vezes a mais do que necessário. Na última mesa redonda, realizada na Delegacia do Trabalho, a autoridade estranhou o reajuste de 30% já acolhidos por outros sindicatos.

Os trabalhadores do Cimento Perus passaram a exigir 40% de reajuste, por que as empresas cimenteiras reajustaram cada saco de cimento com aumento repassado ao consumidor final.

As autoridades, não se importaram com a questão do reajuste nos preços, e que os trabalhadores nada tinham a ver com isto.

Os trabalhadores não aceitaram o reajuste, e agravou com a dispensa de Gino Rezaghi (Frente Nacional do Trabalho), que dissera que não votaria no J.J. Abdalla (Dono de um holding de empresas) para Câmara Federal. Em 1958, havia restrições aos sindicatos imposta a liberdade e o direito a greves. O grupo Abdalla, estimulou o reajuste de 30% das 4 fábricas de cimento, não se dispôs a ultrapassar aquele teto.

O Impasse provocou a greve<sup>3</sup>, sendo instaurado o dissídio coletivo, na Justiça do Trabalho, Julgado após os 30 dias de paralisação. A polícia rapidamente se fez presente na Fábrica de Cimento e em Cajamar, mas nenhum trabalhador correu. Foram três caminhões de policias, os trabalhadores se organizaram e o Sindicato esperou que a Polícia respeitasse os trabalhadores, muitos dos senhores são filhos também de operários como nós, se as leis fossem respeitadas, não existiria greve. Vocês vieram para guardar a fábrica, a greve se dá pela não violência.

Só voltaremos ao trabalho se conseguimos baixar o preço do cimento, ou queremos os 40 % em cima do salário, A segunda condição para fábrica voltar a funcionar é a volta do Companheiro Gino ao trabalho em Cajamar.

Os trabalhadores passaram a fazer duas passeatas por semana em São Paulo, e ganharam a opinião pública com a mensagem “Estamos Dispostos a Ganhar Menos, Se o Preço do Cimento A Baixar”.

O Julgamento no Tribunal Regional do Trabalho só foi julgado com 35 dias após o início da greve. Houve divergência na votação, mas o Revisor do Processo concedeu um Reajuste de 40% de Reajuste. Esse voto reacendeu uma chama de esperança.

Debatemos em assembleia o prosseguimento da Greve. O Grupo Abdalla não aguentaria mais 2 ou 3 meses de paralisação , tempo necessário para o segundo julgamento. Em assembleia alguém exclamou vocês parecem Queixadas, alguém do perguntou o que é Queixada? Ele respondeu: é o único bicho que, quando se sente em perigo, se une em grupo, em manda, bate o queixo, daí o nome Queixada<sup>4</sup>.....que enfrenta o Tubarão....

No dia 26 de Outubro de 1958, os Líderes da Greve e Sindicato são chamados pelo Governador Jânio Quadros, que demonstrara de uma Greve Diferente, Mas estava apreensivo e Jânio nos advertiu “Numa Luta entre uma Panela de Ferro e outra de Barro, sempre quebra a de Barro”.

A Ação Católica, por iniciativa dos Companheiros da Juventude Católica Operária, deu oficialmente seu apoio às greves difíceis passaram estes trabalhadores.

A greve chega ao fim em 29 de Outubro de 1958, quando foram reconhecidos os seus direitos e elaborado um Documento Assegurado:

Reajuste de 40%

Volta do Trabalhador Gino Rezaqui, como 1º Secretário do Sindicato, despedido no início da Greve;

Retorno imediato de todos os trabalhadores;

Pagamento dos dias de greve;

A União faz a força e a força fez toda diferença no sentido da luta Queixada. Para os trabalhadores, a Ideologia, era sua arma fundamental da luta. Além de se manterem unidos, o que foi determinante o conhecimento de enfrentar seu opositor, o Mau Patrão J.J. ABDALLA, Através da psicologia do conflito, persistência e firmeza permanente, conseguiram a partir daí ganhar direitos sociais e trabalhistas. A Greve que durou 46 dias fortaleceu o Sindicato e os trabalhadores da Fábrica de Cimento Perus.

- 1º - Foi colocada em cheque a política do conjunto do setor cimenteiro no país que vinha impondo as maiores elevações 180 % no preço real do produto desde 1938. Possivelmente, os operários do Cimento Perus, receberiam um reajuste parecido com o acertado entre a Federação à qual seu sindicato era filiado e as demais companhias produtoras no Estado (30%). Pouco depois de assinado o acordo, matéria publicada na grande imprensa anunciava elevação do preço do cimento em razão do reajuste concedido. Como esta majoração era sete vezes superior ao que realmente seria necessário para cobrir o aumento salarial, o sindicato de Perus posicionou-se junto à Delegacia Regional do Trabalho no sentido de que, ou se reduzisse o preço do cimento em sete vezes, ou que fosse concedido 40% de reajuste aos seus operários;
- 2º - Foi questionada diretamente a figura do patrão, pois, estabelecido o impasse na Justiça do Trabalho, a greve começou em resposta à demissão de Gino Rezaghi, que declarara publicamente que não iria votar em “J. J. Abdalla” para deputado, criando um impasse e o patrão acaba se vingando demitindo um dos líderes Queixadas de Cajamar.

---

<sup>1</sup> 3. A greve de 1958 marcou definitivamente o movimento dos “Queixadas”, “pois já anunciava a intenção da liderança que se constituía em lidar com procedimentos que permitissem a emergência de novas modalidades de enfrentamento das questões apontadas pelo mundo do trabalho” (Frente Nacional do Trabalho, 1980: 18).

4. “Nesse processo os operários foram denominados de ‘Queixadas’, por Nelson Coutinho. É o porco do Mato que ao perceber o perigo bate o queixo no chão e reúne-se em manada, obrigando o inimigo a refugiar-se” (Frente Nacional do Trabalho, 1980,17).

## 6.5 - Queixadas Volta Enfrentar o Poderoso Abdalla em 1959

Em fins de Agosto de 1959, João José Abdalla tem a ideia de dispensar 80 trabalhadores com mais de 9 anos de empresa, para impedir a estabilidade aos de 10 anos de casa.

A Direção do Sindicato<sup>5</sup> decidiu em convocar todos os trabalhadores para uma reunião geral para apreciação sobre a proposta do Grupo Abdalla. Os trabalhadores já tinham entendido tudo, o princípio de greve é o último recurso, vamos tentar dialogar o problema.

O Sindicato levou aos trabalhadores se seria necessário entrar na Justiça do Trabalho, sobre o direito líquido de 80 funcionários dispensados sem aviso prévio.

A Assembleia decidiu dar um prazo de 48 horas para o pagamento dos trabalhadores, decorrido o prazo, os quase mil companheiros iriam á greve.

Os trabalhadores paralisaram em 31 Agosto de 1959, mas logo em seguida trabalhadores de outras fábricas, protegidos pela polícia furaram a greve. Nesse mesmo dia, quando o sindicato se dirigia para Perus ao lado do Vereador Joaquim Monteiro de Carvalho e do Colega Bruno Di Nonato , foram interceptados na Estrada não asfaltada, a 5 km de Perus. Dois irmão Abdalla e mais 3 desconhecidos, empunhando revólveres, atravessaram na estrada, com palavrões e ameaças , voltem para São Paulo e não voltem mais aqui.

Voltamos para São Paulo e Comunicamos para o Deputado Franco Montoro e um Jornalista, ambos foram conosco a Perus.

O Deputado Franco Montoro conseguiu entrar na Fábrica, e conversar com Abdalla, após 30 minutos Montoro volta e transmite que ele irá pagar os trabalhadores em um cheque global na sede do Sindicato.

Após uma Consulta aos 80 empregados, vocês querem receber a indenização ou o emprego de volta, a nossa resposta a direção do Cimento Perus, foi não queremos á indenização, já que os despedidos não tinha praticado nenhuma ou, qualquer falta, queremos de volta os empregos?

Assim que um Representante do Cimento Perus veio ao Sindicato, entregar o cheque, para pagar as indenizações, foi entregue uma minuta de Convenção Coletiva, queremos os 80 empregos de volta.

Aguardamos algumas horas, o Grupo Abdalla cedeu.

O cimento Perus chamou todos os ex – funcionários de volta ao trabalho, a União de todos em prol de direitos mudaram cenário dos trabalhadores no país através das lutas e resistências que é algo político para atingir o bem comum de todos.

# **LUTAS OPERÁRIAS**

## **MOMENTOS DE CRISE**

### **Dia 24 de Outubro - Sábado, às 20h**



**VENHAM CONHECER PARTE DA HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO.**

Acervo: Greve dos Queixadas Marcha com a família no Largo São Francisco Centro São Paulo, ano 1959, Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Cimento, Cal e Gesso de São Paulo.

## **6.6 - A Luta por Direitos Sociais como Salário Família, Prêmio por produção e a casa própria.**

Passado três Semanas em Setembro de 1959, dois diretores do Sindicato de Perus, procurou Doutor Mário Carvalho de Jesus<sup>6</sup>, solicitando um aumento para o pessoal da produção, mas houve vários questionamento, e os demais trabalhadores de outros setores da fábrica, escritório e ferrovia como ficariam? Por que só o pessoal da Produção? E os demais trabalhadores.

Quem deveria ganhar mais Solteiro ou Casado? Os casados com filhos ou sem Filhos? E a mulher que trabalha fora? Ou mulher que não trabalha e cuida dos filhos menores para o esposo poder trabalhar. O Sindicato tem uma ideia de solicitar o Salário – Família, um valor acrescido no salário do Trabalhador para que a mulher tivesse como ficar no lar para os filhos menores de 14 anos de idade, foi convocado uma assembleia geral com os funcionários do Cimento Perus, e solicitado um Delegado do Trabalho para ser o mediador, já Direção da Fábrica de Cimento Perus, solicitou a presença de um bispo auxiliar da Igreja Católica, O Bispo de Santo André – SP, Participou das negociações com o Grupo Abdalla, a empresa questionou se não concedemos o salário – família a empresa para e vocês entram em Greve.

No dia seguinte o Grupo Abdalla reconheceu o nosso pedido, devido a Constituição de 1946, que garantia por lei o Salário – Família. Os Trabalhadores que eram casados deveriam procurar o Departamento Pessoal com a Certidão de Casamento e Registro de Nascimento dos Filhos menores de 14anos para o pagamento do benefício.... Assegurando Cr\$1000,00 para a mulher do trabalhador que permanecia no lar e Cr\$ 500,00 por filho menor de 14 anos.

Vários trabalhadores que viviam amasiados acabaram casando na Paróquia Santa Rosa de Lima em Perus, para obter a Certidão de Casamento e posteriormente obter o benefício no holerite.

Vários casamentos foram realizados nos meses seguintes como consta no Livro de Registro de Casamento da Igreja Católica Santa Rosa de Lima – Perus – SP.

Em 1960 os Funcionários do Cimento Perus, Decidem ratificar um acordo para o Prêmio para produção se ultrapassasse 450.000 sacos ao mês, ela foi bem acolhida pelo Grupo Abdalla, a produção aumentou durante alguns meses, mas não foi muito adiante devido a falta de manutenção já mencionada no livro, Abdalla se negou a pagar o prêmio para os funcionários e a produção voltou a cair. Neste mesmo ano os trabalhadores ratificam outro acordo com o grupo para obtenção da Casa Própria nos milhares de alqueires de terra que o

Abdalla possuía de Perus á Cajamar, que seria retido 5% da folha de pagamento para o loteamento.

As promessas do Grupo Abdalla passado 6 meses em 1961, caíram por terra mais uma vez o Abdalla não cumpre com o prometido e o pior ainda estava por vir...o pagamento dos trabalhadores atrasaram e o Sindicato teve que fazer um empréstimo de um Milhão de Cruzeiros para o” Mau Patrão” para contemplar a folha de pagamento, e evitar uma nova greve.

---

<sup>2</sup> 6 – Formação, idealizada por Mário Carvalho de Jesus, da Frente Nacional do Trabalho surgiu com um grupo de cristões: operários, advogados, padres e estudantes, dentre os quais Mário Carvalho de Jesus. Esse embrião da FNT estava ligado a um desenvolvimento dos trabalhadores nas Indústrias de Cimento, Cal e Gesso de São Paulo, com sede no bairro de Perus, conhecido como “Sindicato de Perus” (Frente Nacional do Trabalho, 1980).

## 6.7 - A Greve de 1962 contra o Grupo Abdalla

O início da Greve de 1962, seu deu devido o descontentamento dos funcionários do Cimento Perus, foi reforçada por fatores como: atraso na folha de pagamento e o descaso patronal sobre os direitos de outros trabalhadores da Usina Miranda, Tecelagem Japy, Fábrica de Papel Carioca, Companhia Paulista de Celulose COPASE, e associada do Sindicato dos Trabalhadores do Cimento Perus.

O Sindicato enviou um Ofício de todas as empresas para o Grupo Abdalla, se queixando dos descasos com trabalhadores e descumprimento da CLT.

O Sindicato voltou a insistir, sob pena de serem obrigados a entrarem em greve, a resposta do Grupo Abdalla, foi imediata, façam a greve se tiverem coragem, irão ver o que irá acontecer, demonstrando o total descaso e ameaças aos trabalhadores do Cimento Perus.

No dia 14 de Maio de 1962, a Polícia ocupou a Fábrica de Cimento Perus, os trabalhadores paralisaram de forma pacífica o trabalho, inclusive os trabalhadores que trabalham como lenheiros nas terras que iam de Perus à Cajamar, uma assembleia foi convocada com todos os dirigentes de todas as fábricas do grupo e com uma condicionante só voltariam ao trabalho com as reivindicações que foram enviadas em Ofício atendidas.

A Greve mobilizou a opinião pública e os meios de comunicação do país em prol dos trabalhadores, formou-se Quatro... Processos na Justiça do Trabalho do então Ministro do Trabalho Franco Montoro, que tentou mediar a crise na greve, mas não obteve sucesso e nem mesmo a interferência do Presidente da República João Goulart.

Abdalla queria acabar com os Queixadas, se dizia que ele era a Lâmpada e os empregados as Mariposas, um a um virão a mim, essa música era do Adoniran Barbosa.

Abdalla procurava demonstrar que a Greve era injusta, e não havia motivos e nem a solidariedade para prosseguirmos com a greve. O Tribunal Regional do Trabalho de São Paulo recusou-se de examinar a apreciação das reivindicações, o Juiz Ordenou a volta ao trabalho.

Após 32 dias de greve, as 5 Fábricas do Grupo Abdalla pararam, depois do Patrão deixar de cumprir compromissos e descumprir mais uma vez a CLT.

CARTA ABERTA DE DOM JORGE MARCOS DE OLIVEIRA, BISPO DE SANTO ANDRÉ E PRESIDENTE DE HONRA DA FRENTE NACIONAL DO TRABALHO, AO DEPUTADO J. J. ABDALLA, a propósito da greve na “Usina Miranda”, na “Perus”, na “COPASE”, na “JAPY”, na “Fábrica de Papel Carioca”:

*“Permita-me falar em nome de 3500 trabalhadores que construíram grande parte da sua fortaleza financeiro-econômica e que estão em greve, agora, depois de quatro meses vividos pelos operários da Usina Miranda, na espera humilhante dos salários que V. Excia. deixou de pagar.*

*Como deputado federal, representante do povo paulista, V. Excia. jamais poderia dar espetáculo tão triste e deprimente, transformando-se em veículo da fome que dominou a mesa de seus empregados e que legitima toda revolta à procura da justiça.*

*O vulto de suas riquezas — deputado Abdalla — é decorrente da miséria de milhares de seus empregados e é uma afronta ao País que têm, em V. Excia., um de seus legisladores.*

*Até quando, deputado, terá V. Excia. coragem de contemplar seus trabalhadores vivendo de migalhas?*

*Não tenha ilusões. Nenhuma prosperidade é estável quando alicerçada na miséria, fruto da injustiça.*

*Ouçá o clamor que sobe aos céus e que poderá descer como vingança sob a forma da tirania ateísta. Termine a greve, deputado, sem subterfúgios, atendendo às justas reivindicações de seus trabalhadores, todas elas fundamentadas na “Mater et Magistra”, o maior documento social do século”.*

(A carta foi tornada pública através do editor sindical da “Última Hora”, jornalista Itamaraty Martins, em 2-6-62).

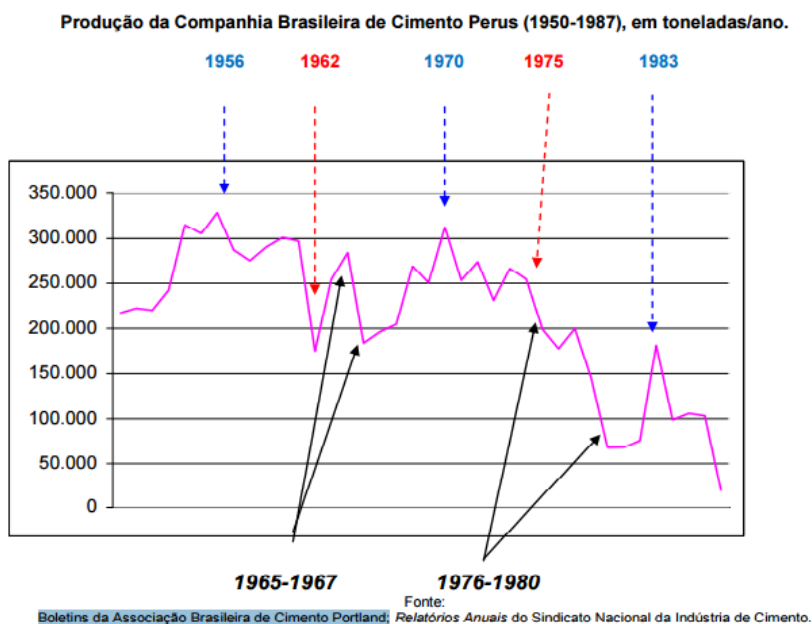
Ajude-nos, com alimento, remédios, a sua oração.

Rua Rêgo Freitas, 554 - Tel. 36-5872 - 36-9367 - S. Paulo

Créditos: Acervo particular da greve dos Queixadas “Carta aberta do Bispo de Santo André a frente nacional do trabalho” 02/06/62 – Filho de Queixada – Nelson Aparecido Bueno de Camargo.

Os resultados da metodologia de operação do Abdalla são parcialmente visíveis no gráfico e resultado de uma greve vencida pelos Queixadas na luta e resistência contra o mau patrão.

O resultado da greve foi o esvaziamento da Companhia de Cimento Perus, Pedreiras de Cajamar, Estrada de Ferro e Parque Florestal com: Dificuldades de Contratação de novos operários devido às críticas recebidas através da imprensa de opinião pública.



A Fábrica de Cimento Perus esperava cansar os trabalhadores, deixando de produzir cerca de 600.000 sacos de cimento por mês, desde 14/05/1962 a fábrica estava paralisada, no mês de Agosto, Abdalla começa acusar os Trabalhadores de Comunistas, teve uma intervenção da Deputada Estadual Conceição da Costa Neves, que passou a convencer os trabalhadores a furarem a greve.



Créditos: Acervo da greve dos Queixadas " 29/08/1962 O dia do Furo, trabalhadores grevistas olhando o caminhão ao fundo "– Casa da Memória Prefeitura do Município de Cajamar.

A Deputada passou a usar a Televisão e o Rádio para acusar o Sindicato e os trabalhadores chamando de aproveitadores, afirmava que o Sindicato usava uma Bandeira Vermelha que pregava o Comunismo para os trabalhadores.

A Deputada estadual Conceição da Costa Neves assume a liderança dos "Pelegos", passou a protagonizar estrondosas discussões no plenário da Assembleia Legislativa contra o Deputado Roberto Cardoso Alves, parlamentar identificado com os sindicalistas e os "Queixadas".

A Deputada ocupava a Presidência da instituição e passou a conduzir uma intensa campanha de agitação contra os grevistas em Perus e Cajamar, a sua principal acusação era "Comunismo" contra os sindicalistas. Essa postura é explicável, pelo tom ante Comunista da Campanha de Adhemar de Barros em Junho e Julho de 1962, que recebera ameaças de morte dos Comunistas, passou a andar sob escolta de policias armados. A cruzada promovida pela Deputada tinha a particularidade de promover a defesa de Abdala.

No dia 06 de Agosto de 1962 a Deputada Estadual fez uma reunião no cinema de Perus, com cerca de 70 operários do cimento Perus que desejavam voltar ao trabalho, No mesmo dia a Deputada se reuniu com José João Abdala na sede da companhia localizada na Rua Boa Vista Centro de São Paulo apresentando as condições para volta dos empregados ao serviço:

- Antecipação do 13º Salário em face de "Despesas dos Operários, voltando ao trabalho iriam receber somente depois de 30 dias".
- Continuidade do pagamento do salário Família as esposas e os filhos dos trabalhadores.

- Perdoar grande parte dos operários que tiveram atuação em favor do sindicato, e os que fizeram por não estarem devidamente esclarecidos da situação, foi aceito na hora pelo senhor João Jose Abdala.

Reivindicações de 20 de julho	Propostas de Conceição da Costa Neves em 06 de agosto
1. Pagamento dos dias de greve em parcelas mensais.	Antecipação do 13º salário
2. Devolução dos 05% no próprio escritório da fábrica.	-
3. Pagamento de 10% de insalubridade após estudo do órgão técnico competente.	-
4. Contratação de novos elementos para vagas dos que falecerem e que se aposentarem.	-
5. Estabelecimento de horário de pagamento que evitasse que os trabalhadores ficassem à espera na portaria.	-
6. Regularização da situação de 70 operários que trabalham nos eucaliptos sem registro.	-
Dispensa de reajuste salarial de 20%.	-
-	Manutenção do pagamento do salário-família
-	"Perdão" de "grande parte" dos grevistas

Abdalla passou apertar mais a vida dos funcionários do Cimento Perus, solicitando para os Comerciantes do Bairro de Perus, não vender gêneros alimentícios Fiados para os trabalhadores da Fábrica, mas um Comerciante não seguiu a regra o Zé do Cocô, marcava na caderneta para os trabalhadores pagarem quando puder.



Assembléia de 10 de agosto de 1962. No centro, Conceição da Costa Neves. À sua direita, o Dr. Mario Carvalho de Jesus. AEL-MCJ, Série "Fotografias".

Em Setembro de 1962, a Cimento Perus entrou com um Inquérito na Justiça do Trabalho de São Paulo, solicitando a Dispensa de 501 Trabalhadores Estáveis, sob a alegação de provocação da Greve, abandono de emprego, paralisação da produção e prejuízo a Indústria de Cimento Perus.

Assim que o Sindicato ficou sabendo do Ajuizamento convocou uma nova Assembleia, aonde, foi definida uma luta pela não violência como Gandhi na Índia, Martin Luther King usou nos Estados Unidos pelos Direitos Civis, em Perus a luta passou a se chamar Firmeza Permanente.

A Única Panificadora de Perus cedeu um forno para os trabalhadores produzissem seus pães e que fosse dividido entre as famílias da Vila Triângulo e em torno da Fábrica, para suprir as necessidades básicas das famílias, muitos já estavam vivendo em dificuldades com os meses de greve.



Créditos: Acervo da greve dos Queixadas "Motivos da Greve de Perus" 15/09/1962 – Casa da Memória Prefeitura do Município de Cajamar.

## Novas razões para a desapropriação da "PERUS"

- 1 - A "Perus" possui jazidas ainda não exploradas superiores a 5 milhões de toneladas conforme consta no Depto. Nacional Produção Mineral.
- 2 - O Governo de São Paulo, tem de integralizar a quota de cerca de 5 bilhões de cruzeiros, na formação do capital da "COSIPA".
- 3 - A "COSIPA" exigirá, anualmente, dentro em breve, de 100.000 a 150.000 toneladas de calcário semelhante ao existente nas pedreiras da "Perus".
- 4 - A "COSIPA" não conseguindo que particulares, nas imediações de S. Paulo, forneçam a pedra calcária, está em vias de adquiri-la em Guapira, a mais de 250 kms. de distância, sendo que os 104 kms. iniciais deverão ser percorridos por estrada de rodagem. Isso importará num gasto anual, no transporte da pedra, de aproximadamente Cr\$ 500.000.000,00.
- 5 - O Governo do Estado, poderá desapropriar a "Perus", com fundamento na utilidade pública (Dec. Lei n.º 3.365, art. 5.º, letras "b" e "f") por se tratar de "defesa do Estado" e "aproveitamento industrial das minas e das jazidas minerais...", com o simples depósito inicial do valor do capital registrado da "Perus", que é de apenas Cr\$ 250.000.000,00, ficando o acerto final para quando o Poder Judiciário se pronunciar a respeito do valor real dos bens desapropriados. É claro que o governo poderá compensar o débito fiscal que a "Perus", de propriedade do mau empregador e deputado **J. J. Abdalla**, tem para com a Fazenda Estadual, no montante de Cr\$ 500.000.000,00.
- 6 - A "COSIPA" economizará cerca de 1/2 bilhão de cruzeiros anuais, somente no transporte da pedra.
- 7 - A escória do alto-forno da "COSIPA" poderá ser aproveitada para fazer cimento de qualidade semelhante ao tipo "portland", a exemplo do que se faz em "Volta Redonda". (A escória tem ainda utilidade na fabricação de adubo).
- 8 - Com uma só cajadada o Governo do Estado, com base na lei e na doutrina social cristã, dará a solução ao problema dos trabalhadores da "Perus" em greve desde 14 de maio e resolverá, com grande economia e saber, o fornecimento do calcário para a "COSIPA", mostrando, finalmente, ser possível a **reforma de estrutura** dentro da lei.

São Paulo, dia da Independência, 1962

Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Cimento, Cal e Gesso de São Paulo, Frente Nacional do Trabalho — Rua Rego Freitas, 554 — FONES: 36-5872, 36-9367 e 33-5826.

Prefeito municipal de Cajamar; Presidente da Câmara Municipal de Cajamar; Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, Grêmio Politécnico; Centro Acadêmico XI de Agosto; Centro Acadêmico Sedes Sapientiae; Centro Acadêmico Filosofia da U.S.P.; Centro Acadêmico XXII de Agosto; Centro Acadêmico Sabóia de Medeiros; Centro Acadêmico Filosofia São Bento.

**CONVITE:** Participe dos debates sobre a desapropriação da "Perus" na próxima terça feira, na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, às 20 horas, no dia em que comemoramos o 16.º aniversário da Constituição. (18-9-62).

**"A PAZ É FRUTO DA JUSTIÇA"**

Créditos: Acervo particular: da greve dos Queixadas "Convocação dos Trabalhadores do Cimento Perus para o largo São Francisco" 18/09/62 – Filho de Queixada – Nelson Aparecido Bueno de Camargo.

O Sindicato entrou com uma Ação na Justiça do Trabalho, solicitando ao Poder Executivo do então Presidente da República João Goulart, para o que a Polícia saísse da Fábrica e do Clube dos Trabalhadores, que fosse demolido o Muro Construído em Cajamar, na Igreja Católica do Padre Bianchi e o acesso a Cooperativa de Cajamar para todos os trabalhadores. Como ajuizamento é algo muito demorado e lento, os trabalhadores passaram a fazer manifestações, passeatas e abaixo assinados contra o Grupo Abdalla.

A Mobilização e a resistência contra o mau patrão sensibilizou o Desembargador Sylos Cintra, que ocupou o Governo do Estado de São Paulo, o licenciamento do Governador Carvalho Pinto para sua campanha política. Passou proceder a estudos para desapropriação do Cimento Perus, pelo Governo Estadual. Quando Carvalho Pinto assume o Governo do Estado de São Paulo, desistiu da desapropriação do Cimento Perus, e as expectativas dos trabalhadores voltaram à estaca zero.

Em nova assembleia em Dezembro de 1962, os trabalhadores decidiram fazer uma greve de fome, passaram o Natal e o Ano Novo, em frente à Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, USP – no largo de São Francisco, aonde conseguiram um Habeas- Corpus, cedido pelo Tribunal de Justiça de São Paulo.

Em Janeiro de 1963, o Tribunal de Justiça de São Paulo, suspendeu o Habeas – Corpus suspende o direito de greve de fome, e a polícia solicitou a retirada de todos os trabalhadores acampados na porta da faculdade.

Em nova Assembleia em Janeiro de 1963, ficou decidido que os trabalhadores deveriam procurar outro emprego até que a Justiça julgasse a Ação dos Estáveis com mais de 10 anos de empresa.

Cajamar, 18 de Março de 1963

MOTIVOS DA GREVE DA PERUS

A greve da Cia Perus, foi iniciada aos 14 de Maio de 1962, tinha por fim especial solidarizar-se com os empregados da Usina Miranda e forçar o Patrão a lotear parte de uma área de terra para aquisição de casa própria. Mas a diretoria da empresa julgando inconveniência, resolveu devolver as importâncias retidas em seu poder para tal, e isto fez e continua fazendo a qualquer que em seus escritórios procurar. Mas os empregados agitados por elementos habéis em matéria de greve, recusaram a aceitar, e foram sem quaisquer exames a paralisação, sem mesmo dar prazo para o empregador examinar sua parte, e dar uma definição. Após o recebimento do pagamento (como dizia o Advogado: Vamos parar com o dinheiro no bolso) no dia 12, paralizaram todo o serviço no dia 14, e só às 9,00 horas do dia da paralisação é que foram realizadas a assembleia. Após um mês de parados e que apresentaram reivindicações, quebrando o acordo com a empresa que só reivindicariam de Outubro a Outubro. No dia 2 de Julho de 1962, o Tribunal Regional do Trabalho sediado em São Paulo, julgou ilegal a paralisação, pois a empresa até o momento vinha oferecendo boas condições de trabalho aos seus empregados. Pois a esta altura já tinha efetuado o pagamento até dos treze (13) dias, aos meses de Maio a todos os paralizados. Depois de inteirada do indeferimento do Julgamento, o Sindicato realizou uma votação, afin de consultar os grevistas se voltariam ou não ao trabalho. E após a instalação desta, nomearam alguns elementos como espiões para observar quem votaria pró ou contra, (isto é um ato inconstitucional) perante as leis do País. Pois todo o voto é escrutínio, e livre a todo o cidadão. E assim votaram em larga escala contra a volta ao trabalho, (pois foram iludidos) até que se realizasse a campanha da Perus. Um grupo de empregados após examinar a atitude da Tribunal Regional do Trabalho, e consultar elementos relacionados em assunto de causas trabalhistas, resolveram falar com o Patrão, (pois estava tudo de água abaixo) e foram prontamente atendido pelo mesmo, com o maior respeito de empregados e Patrão. Este depois de ouvir os empregados e tecer com eles entendimentos, reconsiderou o fato e reabriu as portas da Fábrica, garantido por Poderes Governamentais e Judiciais, e em 21 de Agosto de 1962, reiniciamos o trabalho juntamente com outro. A empresa deu prazo de 30 dias ou mais para receber trabalhadores que estavam afastados do serviço, garantindo todos os seus direitos, sem odio e sem rancor. Segue em anexo o comunicado que a empresa distribuiu para convidar seus empregados ao retorno ao serviço. A empresa fez diversas antecipações, como férias vencidas nos dias de greve, e 130, mil reais para ajudar seus empregados a regularizar sua situação financeira em virtude dos dias parados. Se prontificou ajudar a regulamentar suas situações com as caixas de Aposentadoria, desde o dia 14, data da paralisação até o dia 21 de Agosto, data em que reiniciou os descontos para aquelas C.A. Outro mais, não desentaria de nenhum de seus empregados em férias os dias parados.

Créditos: Acervo da greve dos Queixadas "Motivos da Greve de Perus" 18/03/1963 – Casa da Memória Prefeitura do Município de Cajamar.

<sup>3</sup> 7 – Em todos os documentos da Frente Nacional do Trabalho, emitidos durante os anos 60, destaca-se "a paz é fruto da justiça", evidenciando as suas relações Católicas, e as raízes da não violência no movimento sindical, bem como constituição de seu quadro de militantes. Conforma-se como apelo constante a militância pela paz, harmonia, igualdade e justiça, denotando uma preocupação contínua com a formação ética e moral do ser humano, em geral, e do militante e dirigentes e operários, em particular (Gonçalves, 1989:67)

## 6.8 - O Golpe Civil e Militar de 1964

31/03/1964 entra para História com a deposição do Presidente João Goulart, e uma intervenção Militar assume o Poder no Brasil, o Presidente Castelo Branco assume a Presidência do País, e os sindicatos automaticamente sofreu também sua intervenção na Sede do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria do Cimento e Cal de São Paulo, o Grupo Abdalla indica o Chefe do Departamento De Pessoal para o Cargo assumindo como Presidente do Sindicato.

A entidade foi uma das primeiras a sofrer a intervenção, tendo seus dirigentes presos ou respondendo a processos. Uma nova diretoria foi formada por aqueles que tinham furado a Greve – Os quais, ironicamente, comandariam uma paralização fracassada em 1965.

Os dirigentes do Sindicato e o Advogado Doutor Mário Carvalho de Jesus foram todos presos. E o contato com os Trabalhadores de Cajamar ficou encarregado do Padre Bianchi. Em 1964, O Processo no Superior Tribunal do Trabalho no Rio de Janeiro foi Julgado, e dos 9 Juízes que Julgaram ação em mérito, apenas 4 juízes foram favoráveis aos trabalhadores e 5 contra, o Processo deveria ser Julgado na Justiça do Trabalho em São Paulo.

Em 1965, o Sindicato tem uma nova eleição para todos os cargos, o Grupo Abdalla indica o chefe do Almoxarifado para o Cargo de Diretor, sendo que o mesmo furou a Greve em 1962, que ocupou o cargo como interventor.

Os Diretores do Sindicato foram soltos por determinação do Tribunal de Justiça, em seguida foram para Perus e convocaram uma Assembleia com todos os Trabalhadores organizaram uma Romaria para Cidade de Bom Jesus de Pirapora, percorrendo 30 km a pé.

Em Setembro de 1965, Doutor Mário Carvalho de Jesus, retorna como Advogado do Sindicato e representante dos trabalhadores. Após um mês o Grupo Abdalla começou a retaliações contra Os trabalhadores de Perus e de Cajamar.

## **6.9 - O Mau patrão se Vingou dos empregados com corte de luz e despejo.**

Em Setembro de 1965, o Grupo Abdalla passou a atrasar o pagamento dos trabalhadores e passou a Cortar Luz das Casas dos que tinham feito à greve que ocupassem as Casas de Perus e de Cajamar, e ingressou Uma Ação de Despejo contra os Queixados. O patrão cortou a luz em Pleno Sábado para deixar todos sem energia elétrica no final de semana.

Os Trabalhadores se organizaram e procuraram o Sindicato de Perus para tomar as devidas providências, o Sindicato procurou a Secretaria da Segurança Pública e solicitou a Ajuda a Secretário Sr. Cantídio Sampaio, que declarou que não poderia intervir devida ser uma propriedade privada.

Os Eletricistas do Cimento Perus começaram a cortar a luz para casas dos operários protegidos pela polícia, Abdalla solicitou a Empresa Light para cortar o fornecimento de Energia Elétrica para Fábrica de Cimento Perus e as Pedreiras de Cajamar.

O Prefeito da Cidade de Cajamar, Sr. Toledo declarou estado de calamidade público devido todas as bombas estarem desligadas faltando o fornecimento de água potável para a população.

As manobras que o Abdalla começou a fazer contra os trabalhadores se virou contra ele mesmo, o Sindicato e os Trabalhadores começaram a procurar a Imprensa, Rádio e TV e denunciar o que estava ocorrendo dentro da Fábrica de Cimento Perus e Cajamar.

O Sindicato entrou com uma Ação no Tribunal de Justiça de São Paulo, solicitando o fornecimento de Energia Elétrica nas casas dos funcionários e a permanência nas casas do Grupo Abdalla.

O Sindicato conseguiu mais uma vitória em prol dos trabalhadores que foi aceita pelo Tribunal de Justiça, cancelando a ação de despejo e o fornecimento de energia elétrica que demorou 3 semanas para ser restabelecida.

Mais uma vez a mídia brasileira noticiava as manobras impostas pelo mau patrão, incluindo de alegar que o corte de energia se dava devido à empresa estar passando por dificuldades financeiras, o que não era verdade.

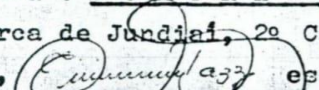
Proc. 404/72.

Dr. José de Souza e Almeida.

M A N D A D O

O DOUTOR ADHEMAR GOMES DA SILVA, JUIZ DE DIREITO TITULAR DA 2ª. VARA DA CIDADE E COMARCA DE JUNDIAÍ, ESTADO DE SÃO PAULO, ETC.—

M A N D A ao Oficial de Justiça deste Juízo, a quem fôr este apresentado que em cumprimento do presente devidamente assinado, expedido nos autos de ação de Despejo, que Cia. Brasileira de Cimento Portland Perus move contra Sebastião Soares e outros, proceda a citação de SEBASTIÃO SOARES, residente à casa n. 19, Cajamar; BENEDITO ANTONIO SANTOS, residente à casa n. 20, Cajamar; VALTER CLAUDIO residente à casa n. 24, Cajamar; JOSÉ FERREIRA DA SILVA, residente à casa n. 58, Cajamar; MANOEL DA SILVA, residente à casa n. 70, Cajamar; ILTON TIMÓTEO TEIXEIRA, residente à casa n. 80, Cajamar; JOSÉ GALVÃO, residente à Casa n. 90, Cajamar; ISMAEL DA SILVA GOMES, residente à casa n. 95, Cajamar; EDGAR ARCÍLIO GALLO, residente a casa n. 157, Cajamar, Vila Nova; RAIMUNDO COSTA, residente a casa n. 179, Cajamar, Pastinho; JOSÉ MANOEL VELOSO SILVA, residente a casa n. 182, Cajamar, Pastinho; BENEDITO LUIZ CELESTINO, residente a casa n. 202, Cajamar, Pastinho; ANTONIO LUIZ SANTOS, residente a casa n. 207, Cajamar, Pastinho; EDUARDO CONCEIÇÃO, residente a casa n. 213, Cajamar; NELSON DE OLIVEIRA, residente a casa n. 224, Cajamar; JOSÉ FERNANDES, residente a casa n. 233, Cajamar, Biquinha; GERALDO FERNANDES ARAUJO, residente a casa n. 22, Cajamar; ANTONIO NEVES, residente a casa n. 106, Cajamar; ELIZIO GABRIEL DA SILVA, residente no quarto n. 2, Caja

ANDRÉ RIBEIRO MARTINS, residente a casa n. 280, Cajamar, Gato Preto; MIGUEL GOMES DA SILVA, residente a casa n. 366, Cajamar, Gato Preto; JOSÉ PEDRO DE CAMPOS, residente a casa n. 372, Cajamar, Gato Preto; ANTONIO PEDROSO ARRUDA, residente a casa n. 230, Cajamar, Bairro de Pires; BENTO ANTONIO DO ESPIRITO SANTO, residente a casa n. 295, Cajamar, Vila Boa Vista; LAURENTINO RODRIGUES, residente a casa n. 37, Cajamar; - BENEDITO APARECIDO VAZ DE LIMA, residente a casa n. 328, Cajamar, Vila São José, do inteiro teor da petição inicial, cuja cópia autêntica segue anexa e do despacho seguinte: "R. e A., cite-se. Jd., 28/abril/1972. (a.) Dr. Adhemar Gomes da Silva". C U M P R A - S E. Dado e passado nesta cidade e comarca de Jundiaí, 2º Cartório, aos 5 de maio de 1.972. ---- Eu,  escrevente, escrevi.--

O JUIZ DE DIREITO TITULAR

  
-ADHEMAR GOMES DA SILVA-

## **7.0 - A Lei número 4330 e a Criação do FGTS pelo Governo Militar.**

O golpe Civil e Militar de 1964 foi trágico para a Classe Trabalhadora e outros setores da sociedade brasileira. O Golpe acabou atingindo e penalizando diversos setores e o resultado disto, foi à perseguição política e endurecimento das vozes que então se opunham aos acontecimentos, os militares voltando violentamente contra a classe trabalhadora e trabalhadores do campo.

O Governo Militar procurava criar uma sintonia entre o capital e o trabalho e a implementar mecanismos que transformem combativos os Sindicatos que reivindicam a “Reforma Agrária”, com uma política externa independente, Reformas estruturais que combatiam a libertação nacional, o novo governo procurou organizar festejos e comemorações nos dias religiosos e pátrios e no dia 1º de Maio era levado às últimas consequências para manter a ordem e não existir protestos e manifestações contra os militares.

O Estado passa a interferir nos Sindicatos, através de uma estrutura do Ministério Trabalho, transformando os Sindicatos pelegos ou amarelos em pouco espaço de tempo, o movimento sindical, sempre disposto a reivindicar não só melhores salários, mas também a transformação social será substituído pelo interventor disposto não permitir a organização dos trabalhadores em classes, e como se isto não bastasse é decretada uma Lei Número 4330 pelo Presidente Castelo Branco, proibindo a Greve em todo território Nacional, desta forma estava impedito os trabalhadores de fazerem greves, desta forma não teriam como reagir á política de contenção salarial utilizada pelo governo.

Essa política criada pelo Ministério da Fazenda criava um arrocho salarial que congelava os salários dos trabalhadores a inflação permanecia em altas taxas. Em 3 anos de ditadura no Brasil os trabalhadores perderam 35% do poder de compra.

Em 1966, foi Criado no Brasil o Fundo de Garantia do Trabalhador Salarial o FGTS, Que substitui a Estabilidade para trabalhadores com 10 anos de empresa criada no Estado Novo, pelo então Presidente Getúlio Vargas. Já não era mais necessário criar uma estabilidade para o trabalhador, isto envolve direto uma capacidade ociosa de desemprego. Com a criação do FGTS, o trabalhador perdeu a Estabilidade, poderia ser demitido a qualquer momento sem justa causa. Essa medida trouxe como consequências diretas o desemprego, através da alta rotatividade dos funcionários, além da dificuldade de uma ação sindical.

A Nova lei Número 4330 foi muito rígida com os sindicatos e com os trabalhadores, devido a sua intervenção e repressão do regime militar no Brasil, a fixação de aumentos era exclusiva do governo, suprimindo a negociação direta entre sindicatos e patrões, despojando os trabalhadores através das reivindicações ou da sua atuação política que estava reprimida.

A partir desta lei o Sindicato em sua grande maioria passou apenas de uma agência de prestação de serviços médicos e jurídicos e centro de atividades recreativas permitidas pelo novo regime militar que governava o país. Todo esse quadro traçado é importante para podermos entender o que o Brasil neste período, mas a Firmeza Permanente da não violência à luta não cessa ela continua.

## **7.1 - Colapso nas contradições internas da Companhia de Cimento Portland Perus**

A forma de operação da Fábrica de Cimento levou-a a dois grandes colapsos de produção (1965 á 1967 e 1975 á 1976), ocasionando a queda na produção e sem vias de retorno no mercado cimenteiro nacional.

As empresas integrantes do império liderado por Abdalla eram geridas de modo a que os resultados financeiros fossem constantemente drenados para a CIBRAPE, holding do sistema, conforme certos métodos que autoridades policiais e judiciárias entenderam como temerários e fraudulentos, que resultariam em ações de confisco e na prisão do empresário. Relatórios policiais assinalam como diversas empresas de Abdalla foram definhando, até paralisar por completo, deixando trabalhadores, que já eram vítimas constantes de atrasos de pagamento, abruptamente sem ter de onde prover seu sustento.

O final da década de 1960 foi pontilhado por intervenções providas pelos poderes constituídos em companhias de Abdalla reduzidas a frangalhos, antes do mesmo acontecer em Perus.

O Colapso de 1965 e 1967 explica-se, assim pelo próprio modo que a Fábrica operava aos antigos patamares, A Empresa passou para Administração do Governo Federal de 1973 á 1975 com o apoio dos funcionários. Entretanto não houve investimentos na renovação dos maquinários e da sua grande maioria dos equipamentos fabris, o resultado foi o esgotamento irreversível da maioria dos equipamentos, com a crise de Petróleo mundial de 1976-1980.

Em 1980 a Companhia de Cimento Portland Perus foi retomada pelo sobrinho de J.J.Abdalla, a Perus acabou ficando ainda mais reduzida comprando a matéria – prima da sua concorrente Votorantim, até encerrar suas atividades no ano de 1987.

Havia sentido, portanto, em forçar ao máximo a velha fábrica enquanto fosse competitiva com as demais no mercado cimenteiro.

Em 1983, foram desativadas Pedreiras e a Ferrovia os moradores das Vilas Operárias receberam Ordem de Despejo. A Empresa foi à reduzida a passar a Moer e Ensacar o Clínquer comprado do Cimento Santa Rita de Itapevi, pois o fluxo de fornecimento sofria cortes intermitentes. O Sindicato começou a denunciar o Cartel da (Máfia do Cimento), liderado por Antônio Ermírio de Moraes que foi denunciado no Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE) contra o Cartel.

Em Cajamar os Trabalhadores resistiam aos Despejos com apoio do Prefeito Aristides Ribas de Andrade e do Presidente da Câmara Municipal, o “Queixada” Gino Rezaghi, o Ex- Diretor do Sindicato e o Primeiro Presidente da Câmara Municipal em 1960.

O governador Franco Montoro, antigo aliado dos Queixadas, passou afirmar acordos com os dois lados, assim foi à última paralisação em 1986, quando os 150 catões de ponto foram retirados da portaria, depois da Decretação da Ilegalidade iniciando uma nova fase Judicial, sem praticamente nenhum

funcionário a Fábrica fechou suas atividades e permanece até hoje nas mãos da Família Abdalla.

---

<sup>4</sup> Jesus, Mario Carvalho de & Equipe dos Queixadas. A Máfia do Cimento. São Paulo, Edições Loyola, 2<sup>o</sup> Edição, 1982. O Sr. Abdalla foi o único a apresentar lance mínimo em 1980, aproveitando um erro do Cartel que não compareça para forçar uma redução no preço da venda do Cimento Perus.

## **7.2 - A Vitória dos Trabalhadores em 1969.**

O Desgaste do Grupo Abdalla se deu em Janeiro de 1969, quando o Tribunal Superior do Trabalho em Brasília, concedeu o Direito de Retorno ao Trabalho de 309 empregados estáveis em condições de trabalhar, excluídos os falecidos ou aposentados, que na presença de um Oficial de Justiça voltariam ao trabalho, o impossível estava acontecendo passado Sete anos de lutas e resistências, eles retornaram ao trabalho na Fábrica de Cimento Perus, Horto Florestal e nas Pedreiras de Cajamar. Voltaram ao trabalho e iriam receber o dinheiro de suas indenizações por todo tempo de greve, a maior greve do mundo.

O Sindicato em conjunto com os trabalhadores estudou uma proposta para que todos pudessem receber cada um suas indenizações, através de um aumento na produtividade de Cimento, mesmo assim o Grupo Abdalla, se negava fazer acordo com os Grevistas ou com o sindicato.

Abdalla instala nas Pedreiras de Cajamar um Escritório com o Nome de Social Mineração e Intercâmbio Industrial e Comercial S/A, e começou a contratar novos funcionários para trabalhar nas Pedreiras de Cajamar e na própria Fábrica de Cimento Perus, sob alegação que era outra empresa e que teria outro sindicato que não fosse o de Perus. O interessante de sua manobra que os Empregados do Cimento Perus e da Social trabalhavam juntos até mesmo exercendo a mesma função, aos poucos os trabalhadores do Cimento Perus, foram transferidos para Social, se não aceitassem a transferência eram demitidos. Transferiu os Trabalhadores Estáveis para a Social, só não conseguiu fazer estas transferências com os Grevistas de 1962 á 1969, os Queixadas, mas na sua manobra obrigou muitos a se aposentar.

O Sindicato fez um Ofício ao Departamento Nacional de Produção Mineral DNPM, denunciando a transferência de trabalhadores da Fábrica de Cimento Perus, para nova empresa Social, impedindo que trabalhadores possam se sindicalizar.

Em maio de 1973, O Ministério Público Federal, por intermédio do Procurador Federal Manoel Paulino Filho, apresentava denúncia contra o Grupo Abdalla, e na Justiça do Trabalho, o Juiz Amauri Mascaro Nascimento, nomeou um Administrador Judicial para dirigir o Cimento Perus, mas o Administrador não tomou posse, o Presidente da República Médici, em Julho de 1973, confiscou todos os bens do Grupo Abdalla e o fim da Poluição no Bairro de Perus.

Após o Confisco dos bens, os administradores entraram na Fábrica de Cimento em Perus, mas para a fábrica funcionar tinham que comprar pedra calcária da Social em Cajamar.

Os Operários do Cimento Perus e das Pedreiras de Cajamar criou uma organização de trabalhadores para ser representada junto às autoridades, devido o Sindicato estar fechado, as reuniões era na rua ou no salão paroquial em Cajamar.

SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDÚSTRIA DO CIMENTO,  
CAL E GESSO DE SÃO PAULO

Perus, Cajamar, 24 de outubro de 1972.

Aos trabalhadores que não puderam participar da reunião no dia 23 em Perus e 24 em Cajamar, damos aqui um resumo do que foi tratado:

- 1 - Compreendemos que Vocês estejam aborrecidos, alguns desanimados, pensando até que perderam porque a falência não foi decretada pelo Tribunal de Justiça. Não é isso; a nossa questão está ganha. O Tribunal de Justiça entendeu que devemos insistir em receber o que temos direito na própria Justiça do Trabalho, podendo penhorar tudo, até a produção.
- 2 - O próprio povo costuma dizer: "DEUS ESCREVE CERTO POR LINHAS TORTAS". Se a falência tivesse saído, é claro que a fábrica seria fechada - por uns tempos (1,2,3 meses ou mais), até que fôsse feito um levantamento de todos os bens pela Justiça. Depois, então, o Juiz poderia autorizar a fábrica funcionar, sob a direção de um Síndico, sendo afastado o Grupo Abdalla.  
Teríamos alguns problemas como:
  - a: os trabalhadores que não pediram a falência poderiam se colocar contra os velhos. Ficar 1,2 ou 3 meses parado não é "sopa".
  - b: Vocês sabem que o Grupo Abdalla poderia se aproveitar das dificuldades e então poderia tentar a compra de créditos - dos operários, pela metade do valor.
  - c: e os velhos teriam que esperar mais 1,2 ou 3 anos, até terminar o processo da falência.
- 3 - Poderá alguém perguntar: PORQUE ENTÃO PEDIMOS A FALÊNCIA?
  - a: Foi porque não podíamos aceitar a garantia do Sítio Santa Fé, que estava penhorado 28 vezes. No fim, depois do leilão, correríamos o risco de não receber nada, precisando começar tudo de novo.
  - b: Pensávamos também que com o pedido de falência, a Perus pagasse, e que poderíamos mesmo fazer um acôrdo, que incluiria o afastamento da SOCAL.
- 4 - Como vamos então receber?
  - a - de acôrdo com a lei, vamos tentar penhorar a produção do cimento, ou o dinheiro da venda do cimento, ou o próprio cimento, até o eucalipto;
  - b - não aceitaremos penhora de qualquer coisa que já esteja penhorada.

Créditos: Acervo da greve dos Queixadas "Convocação dos trabalhadores de Perus e Cajamar sobre uma denuncia sobre os funcionários da SOCAL que não conseguem se sindicalizar" 24/10/1972 - Casa da Memória Prefeitura do Município de Cajamar.

c - Por todo o tempo que esperamos, temos direito a receber juros e correção monetária. Assim, por ex., quem tinha de receber 15.000,00 terá direito a quase 3 vezes mais: Cr\$... 45.000,00.

d - Vejam bem, receberemos o nosso de qualquer jeito. A questão está ganha e não há mais recurso para a Companhia.

e - Se tiver qualquer dúvida, venha ao plantão no Sindicato. Antes do Natal vamos nos reunir para informar sobre o andamento do processo que já voltou a ser movimentado na Justiça do Trabalho.

5 - Recomendação: Cuidado com as "focacas". Não esquite a cabeça. Não vá nas águas dos fofoqueiros, que muitas vezes são pessoas simples, mas às vezes fazem o jôgo do patrão. Se tiver algum problema especial, procure o Sindicato.

A Justiça tarda, mas chega, se nós soubermos esperar, com fé na Lei que manda pagar juros e correção, enquanto não recebermos.

Tudo tem um começo e tem um fim.

Por outro lado, gostaremos de lhe fazer 3 perguntas:

1a. - Não é verdade que muitos companheiros teriam voltado ao serviço, antes de janeiro de 1969, abrindo mão dos salários atrasados?

2a. - Será que alguém está passando necessidades, por falta desse dinheiro? (Se houver, procure-nos).

3a. - E o problema dos companheiros da SOCAL que estão sem Sindicato, o problema dos transferidos de Cajamar para Perus, e de Perus para Cajamar, não é importante? Você se preocupa com isso?

Leia com sua mulher e filhos esta mensagem. Consulte pessoas amigas, esclarecidas, e então Você compreenderá que nós estamos defendendo honestamente Você, todos os trabalhadores. E assim agiremos, com a consciência limpa, diante de Deus e de todos os homens honestos e de boa vontade. O tempo dirá, Tudo aparece com o tempo. Faça um exame do que tem acontecido nos últimos dez anos. Recorde o que aconteceu com tantos que nos trairam. Não precisamos desejar-lhes mal. O que se faz de mal, aqui mesmo se paga. Hoje, por exemplo, vocês sabem porque perdemos o primeiro julgamento em S. Paulo, na 1a. Junta, em 1964. Perdemos por 2 a 1 - em 1964, tendo votado contra nós o representante dos patrões e o Juiz. E se Juiz foi afastado do cargo pelo Governo, porque não procedia. Hoje esse juiz é advogado da Cia. Perus e da SOCAL.

Pergunta final: Podemos contar com mais 10% da sua fé? Dez por cento quer dizer, resolver a questão durante 1973.

ANTONIO MARIA PEREIRA FILHO

pela Diretoria

MÁRIO CARVALHO DE JESUS

Advogado

LEMBRE-SE: Unidos conseguiremos o que a lei dá e um pouco mais.

Desunidos não conseguiremos nem o que a lei dá.

A UNIÃO SEMPRE FEZ A FÔRÇA

DIA 13 DE NOVEMBRO

Créditos: Acervo da greve dos Queixadas "Convocação dos trabalhadores de Perus e Cajamar sobre uma denuncia sobre os funcionários da SOCAL que não conseguem se sindicalizar" 24/10/1972 - Casa da Memória Prefeitura do Município de Cajamar.

1974 – Passado os 150 meses da Luta Queixada, os trabalhadores esperavam uma Decisão Judicial para o pagamento das Indenizações.

Dona Helena

(mulher da memória)

RESUMO DA LUTA E AVALIAÇÃO DE 150 MESES DOS "QUEIXADAS".

UM PEDIDO E DUAS PERGUNTAS

Perus, Cajamar, Gato Preto, 14.11.74

Companheiro da PERUS \_\_\_\_\_

Guarde as seguintes datas:

- 14 de maio de 62, início da greve com mais 3 sindicatos;
- 14 de novembro de 73, início da segunda intervenção no sindicato;
- 14 de novembro de 74, início do pagamento dos salários da greve, do atrasado.

#### I N T R O D U Ç Ã O

1.- Ao sofrermos a segunda intervenção no sindicato, a pedido do mau presidente que fazia o jogo de Abdalla, criamos a COMISSÃO PERMANENTE DOS TRABALHADORES, numa demonstração de que estávamos dispostos a continuar a luta ao lado do nosso advogado. Ele foi dispensado do sindicato, em 24.10.73. Nós reagimos, pedindo uma assembléia geral extraordinária para apreciar a inexplicável atitude do presidente. Fizemos um abaixo assinado com mais de 400 assinaturas convocando uma assembléia geral, que não se realizou, porque o presidente do sindicato, sabendo que poderia perder o cargo, pediu ao Delegado do Trabalho para intervir no sindicato, em 13.11.73. Já no dia seguinte, em 14.11.73, o Delegado do Trabalho, baseado em denúncias falsas, isto é, que nós "queixadas" estávamos "ameaçando de morte" o presidente, praticou intervenção no sindicato.

2.- A COMISSÃO PERMANENTE DE TRABALHADORES DA PERUS, formada pelos seis companheiros que assinam este comunicado, surgiu para substituir a nossa representação classista, suprimida com a intervenção no sindicato. Valeu a pena. Temos nos entendido com a administração da PERUS confiscada. As coisas caminham. Quando preciso, a gente vai à Justiça do Trabalho.

3.- AO RECEBERMOS O ATRASADO, defronte à sede do sindicato, que continuava sob intervenção, no dia 14.11.74, à noite, na rua iluminada pelas velas, queremos deixar a cada um de vocês, juntamente com o cheque, esta palavra escrita, para que Você reflita, pense, troque idéias com sua mulher e seus filhos, com os companheiros, e depois nos responda tam

Créditos: Acervo da greve dos "Queixadas" 150 meses da Luta Operaria em Perus e Cajamar 14/11/1974 – Casa da Memória Prefeitura do Município de Cajamar.

também por escrito. Naturalmente, se Você tiver dificuldade de escrever, peça ajuda a outra pessoa. Nós estamos também à sua disposição.

R E C O R D A N D O

4.- Quando começamos a luta em 14.5.62, ao lado de três outros sindicatos que representavam trabalhadores da FABRICA DE PAPEL CARIOCA, de São Paulo, da FABRICA DE TECIDOS JAPY, de Jundiaí, da USINA MIRANDA, de Pirajuí, todas pertencentes ao Grupo ABDALLA, tínhamos reivindicações próprias, apresentadas antes por escrito, nunca podíamos imaginar o que ia acontecer, durante doze anos e meio, isto é, 150 meses de resistência ao poder corruptor.

5.- Nós da PERUS, como você deve lembrar-se, tínhamos várias reivindicações:

- a - queríamos o pagamento em dia. No dia 14.5.62 o pagamento ainda não tinha sido feito;
- b - desejávamos o pagamento do prêmio-produção coletivo para todos os que trabalhavam na fábrica, porque tínhamos ultrapassado a produção de 450.000 sacos, em vários meses, mas ABDALLA se negava a pagar o prêmio coletivo, apesar do mesmo prêmio constar do acordo coletivo homologado pelo TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO, em outubro de 1961;
- c - pedíamos o pagamento de 10% da taxa de insalubridade, para quem trabalhava na fábrica, de acordo com a lei;
- d - queríamos o terreno que ABDALLA ficou de lotear, para que cada um de nós pudesse construir a casa própria, conforme ficou escrito no acordo coletivo de 1960, homologado pelo Tribunal Regional do Trabalho. Tínhamos esse direito, porque ABDALLA todos os meses descontava 5% do nosso salário para o loteamento do terreno, desde outubro de 1960. Quando a diretoria, a pedido dos trabalhadores, exigiu o loteamento, ABDALLA iniciou as obras em um terreno "grilado" em Cajamar. Com a greve de 62, ele procurou desfazer o crime que cometera, mas um inquérito foi instaurado. O Ministério Público apresentou denúncia pela prática de estelionato. O processo dos 5% da casa própria está para ser julgado em Jundiaí, porque o processo foi remetido de Cajamar para Jundiaí, onde se encontra na 1ª Vara.
- e - Desejávamos também que o pagamento da COPASE - COMPANHIA PAULISTA DE CELULOSE - em Gato Preto, então em construção, não atrasasse tanto. Estávamos defendendo aqueles trabalhadores em situação pior que a nossa, porque eram associados do nosso sindicato.
- f - finalmente, pretendíamos o registro de uns 80 companheiros que trabalhavam no eucaliptal, sem qualquer garantia, sem carteira

profissional anotada.

A GREVE VIROU "GUERRA"

6.- ABDALLA, soubemos depois do início da greve, provocou a greve, queria a greve, pensando em vingar-se dos "queixadas", vitoriosos que fomos na pacífica greve de 1958, quando teve de pagar 46 dias de greve e dar o reajuste de 40%. Tanto isso é verdade que um mês após a greve iniciada em 14.5.62, conjuntamente com os companheiros das outras três fábricas, ainda em situação mais difícil que a nossa, ABDALLA fez acordo em se párao, após um mês de greve, com os dirigentes sindicais daquelas três categorias (do papel e papelão, da fiação e tecelagem e da alimentação). No acordo feito, através do presidente da FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NA INDÚSTRIA DE ALIMENTAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO, conhecido líder comunista, ABDALLA ATENDEU A TODAS REIVINDICAÇÕES dos três sindicatos. Na verdade, naquela ocasião, foram feitos dois acordos: um para ser junto ao processo da greve daqueles sindicatos, e outro chamado de "confidencial", isto é, secreto, que não poderia ser conhecido pelos próprios trabalhadores das três fábricas. Mas nós conseguimos uma cópia do acordo "confidencial" com o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Usina Miranda, e esse acordo secreto foi junto ao nosso processo, isto é, ao inquérito em que ABDALLA queria dispensar 501 companheiros-estáveis sem qualquer direito (processo 1.752/62, da 1ª. Junta de Conciliação e Julgamento). Provamos na Justiça do Trabalho a discriminação, isto é, que ABDALLA queria esmagar os "queixadas". ABDALLA transformou a greve numa guerra. Era deputado e contava com o apoio político federal e estadual, além do apoio policial.

Todo mundo sabe e nós denunciávamos isso várias vezes às autoridades de São Paulo: o Chefe do Departamento Pessoal do Grupo Abdalla, há mais de 15-anos, é um delegado de polícia aposentado. Em Cajamar a delegacia de polícia sempre funcionou no prédio de Abdalla.

A JUSTIÇA DO TRABALHO CUMPRIU SUA MISSÃO

7.- O primeiro julgamento na Justiça do Trabalho foi contra nós. Soubemos depois a razão da injustiça: o juiz estava ligado a ABDALLA. Em 1962, não havia o rigor que hoje existe quando se entra com um processo na Justiça do Trabalho. Não havia sorteio, nem se obedecia à ordem cronológica de entrada das reclamações. Naquela época dava-se um "jeito" e se conseguia mandar o processo para o Juiz que a gente queria. ABDALLA é especialista na utilização desse "jeito".

8.- Perdemos na Junta de Conciliação e Julgamento por 2 a 1. O Vogal, representante dos trabalhadores, votou a nosso favor. O Presidente

da Junta, como muitos de Vocês viram nas várias audiências realizadas - (mais de 10), mostrava-se parcial. Nosso advogado e o Prof. Cesarino por diversas vezes protestaram contra essa parcialidade, como ficou escrito - no processo.

9.- Mas como a verdade aparece, cedo ou tarde, desde que a gente - aguenta firme, aquele juiz foi depois cassado, afastado da Justiça. E deixando de ser juiz foi ser "advogado particular" de ABDALLA, função que exerce até hoje.

#### O PODER EXECUTIVO INICIA O CUMPRIMENTO DE SUA MISSÃO

Tudo isso já foi noticiado pelos jornais, tendo à frente o ESTADO DE SÃO PAULO, JORNAL DA TARDE, NOTÍCIAS POPULARES, JORNAL DO BRASIL, O GLOBO e o semanário O SÃO PAULO. Além dessa comprovação pela imprensa, conseguimos publicar dois livros: A GREVE DA "PERUS" NOS TRIBUNAIS, em 1967, com a ajuda de 33 sindicatos paulistas e 10 Federações de Trabalhadores do Estado de São Paulo; e, em setembro de 74, com a responsabilidade de da COMISSÃO PERMANENTE DOS TRABALHADORES DA PERUS, que representa os "queixadas", e da FRENTE NACIONAL DO TRABALHO, publicamos, o livrinho de capa verde - O CASO PERUS E A LIBERDADE SINDICAL NO BRASIL. Este pequeno livro transcreveu o nosso abaixo-assinado, subscrito por nós e amigos nossos em Perus e Cajamar - vigários, pastores evangélicos, professores, estudantes, trabalhadores de outras categorias e por nossos familiares, num total superior a 3.500 pessoas. O abaixo-assinado foi enviado ao Presidente Geisel, que determinou, em julho de 74, a formação de uma COMISSÃO INTER-MINISTERIAL para estudar os vários problemas que ABDALLA criou, contando com a omissão de algumas autoridades que o favoreceram. Os problemas eram cinco, como recordamos no abaixo-assinado. E-los:

primeiro: "efetivação do confisco, passando a PERUS definitivamente para a União"

segundo: "pagamento do atrasado no valor superior a 20 milhões - para mais de 400 trabalhadores ou seus herdeiros"

terceiro: "fim da intervenção no Sindicato"

quarto: "retirada da SOCAL de Cajamar, voltando as pedreiras a ser exploradas pela PERUS, com aproveitamento de todos os operários da SOCAL, os quais passarão para a PERUS"

quinto: "finalmente se reconhece que a Comissão Interventora está executando um trabalho sério, a ponto de ter aumentado a produção em quase 30%, além de ter assinado contrato com firma especializada para a instalação de filtros que acabarão com a poluição. Se mais a Comissão não fez é porque ainda está com muitos elementos da administração antiga em postos de comando. Temos agora a certeza

de-que a poluição em Perus terminará, assumindo o Governo Federal a responsabilidade da fábrica de cimento"

10.- Em 24.10.74 (no primeiro aniversário da dispensa do nosso advogado do Sindicato), o Presidente Geisel acabou com a SOCAL, efetivou o confisco da PERUS e da ESTRADA DE FERRO PERUS-PIRAPORA, assegurando assim o afastamento de Abdalla da PERUS e garantido o fim da poluição). E no dia 14.11.74 (1º aniversário da intervenção no Sindicato), começamos a receber o atrasado. Só faltou acabar com a intervenção. Paciência! Sabemos esperar!

#### O PREÇO DA GREVE PAGO POR NÓS

11.- Como afirmamos, Abdalla transformou uma simples greve, considerada legal pela Justiça do Trabalho, em uma "guerra". Dinheiro nenhum pagaria o nosso sofrimento; ninguém entrou em greve pensando no dinheiro que estamos recebendo, que é apenas uma leve compensação, embora seja a maior que a Justiça do Trabalho pode dar, por sermos empregados estáveis, não optantes pelo Fundo de Garantia.

12.- Mas a greve, transformado em "guerra", valeu porque ficou provado que:

primeiro: que não adianta o patrão contar com o apoio policial, capaz de intimidar, prender, ameaçar, bater, abrir inquéritos contra trabalhadores que, de cabeça fria, agem dentro da lei e que não aceitam provocações de violência. Todos os inquéritos policiais foram arquivados, a pedido do Ministério Público independente. Ninguém foi condenado.

segundo: que unidos os trabalhadores conseguem o que a lei dá e até um pouco mais, como aconteceu conosco em 1959, quando obtivemos a instituição do salário-família, que somente 3 anos mais tarde a lei vinha consagrar a todos trabalhadores. Desunidos, os trabalhadores têm medo de procurar o Sindicato e a própria Justiça do Trabalho, porque reclamar é perigoso, a gente pode perder o emprego.

terceiro: que mesmo com duas intervenções no Sindicato, em 1964/65 e de 1973, até hoje, os trabalhadores foram capazes de se manter unidos, organizados. O Delegado do Trabalho fez intervenção no Sindicato, mas não pôde intervir na nossa consciência.

quarto: que a lei existindo, como existe, para condenar o criminoso, a gente pode contar com o Poder Judiciário independente, que condenou o patrão, Abdalla, por ter ordenado o corte de luz das nossas casas em 1965 e por ter coagido, ameaçado o Dr. Milton caso ele fôsse testemunha nossa no processo trabalhista. Dr. Milton cumpriu o dever de homem honesto, independente e foi depor. Em seguida, como castigo, foi demitido da PERUS. Isso é crime e por isso Abdalla já esteve preso. Além disso, exis

- 0 -  
existem mais dois processos contra ele. Um em Jundiá, como vimos, por estelionato praticado, ficando com os 5% da casa própria. E outro processo criminal, na Segunda Vara da Justiça Federal em São Paulo contra os diretores da Perus e da Social. Já foram ouvidas no processo mais de 70 pessoas, entre vítimas e testemunhas. Em janeiro de 75 será a próxima audiência.

quinto: que os desmandos, os abusos do Grupo Abdalla, denunciados por nós, desde 1958, levou o Governo a agir com pulso firme, confiscando-lhes várias fábricas e bens imóveis. Custou! Mas a gente sabe que Deus tarda mas não falta.

sexto: ficou provado que existe uma solidariedade concreta demonstrada ao longo dos anos, pelos companheiros de outros sindicatos, de estudantes, de intelectuais, da Igreja Católica (pelo menos de 97% dela), dos Irmãos Evangélicos.

sétimo: que foi possível aguentar, mesmo com a fraqueza de muitos companheiros em 1962, os quais chegaram a dar procuração para advogados de Abdalla apresentar queixa-crime contra os dirigentes do sindicato, contra os diretores da Sociedade Amigos de Cajamar e nosso advogado. Pacientemente suportamos tudo. Hoje alguns daqueles companheiros que foram manobrados por Abdalla, estão com os "queixadas". Por outro lado, dois dos velhos "queixadas" mudaram de posição quando souberam que o dinheiro do atrasado estava na Justiça do Trabalho. Paciência!

Em todo o grupo humano existem os fracos. Até Cristo conheceu traidor e a fraqueza de São Pedro.

oitavo: ficou provado que os trabalhadores podem resistir as conseqüências de uma greve total durante 99 dias (de 14.5 a 21 de agosto de 62), bem como os efeitos de um processo que foi julgado 12 vezes. A Justiça do Trabalho é demorada, porque o Poder Executivo não aumenta o número de juizes de acordo com a necessidade. Mas a demora é parcialmente compensada pela correção monetária. Aguentamos 2.428 dias para voltar ao trabalho e 12 anos e meio para receber.

nono: ficou provado que a resistência do trabalhador aumenta quando pode contar com o apoio da mulher, dos filhos. E isso foi possível, porque a nossa resistência foi pacífica, sem briga, sem a quebra de um vidro da fábrica. Muitos choraram de raiva, resistindo à tentação de topar a parada. Mas os fatos sempre provaram que o importante não é o homem ser valente de vez em quando. O importante é o homem ser firme o tempo todo, a vida toda. É o processo da firmeza-permanente, ou violência dos pacíficos, inaugurado por Cristo, seguido pelos primeiros apóstolos, durante quase três séculos. Depois os cristãos em geral amoleceram, se tornaram conservadores. Quase todos. Foi Gandhi que redescobriu a chamada não-violência. O nome "ação não-violenta" nos pareceu fraco e por isso dizemos

FIRMEZA-PERMANENTE. Ou simplesmente "QUEIXADA".

décimo: ficou provado que os "queixadas" não guardam ódio e que sabem esquecer as ofensas, os desaforos. Ficou provado que somos trabalhadores que cumprem bem a sua obrigação para poder exigir seus direitos. A produção após o confisco aumentou 30%. Nós sabemos que o trabalho bem executado ajuda a libertar o homem por dentro. A nossa consciência nos diz claramente quando agimos bem e quando erramos. O "queixada" se esforça para acertar sempre, pensando nos companheiros, na família, na sociedade que precisa melhorar.

#### O COMPROMISSO COM OS NOVOS

13.- Sabemos que os 10% de desconto do que estamos recebendo para os novos e para reembolsar parcialmente o nosso advogado, pelo que aplicou na greve (uma casa, um terreno de 1.500 m<sup>2</sup>, uma garage e seu próprio automóvel), pouco representa. Já dissemos que só por dinheiro ninguém entrava numa "guerra" dessas. É muito pouco, ainda que fosse o dobro. No entanto, nós, na volta ao serviço em 1969, já considerávamos como vitória o simples retôrno ao trabalho. Lembra-se? E só isso era mesmo uma vitória para a classe trabalhadora, como vimos nos 10 pontos descobertos durante os 12 anos e meio de luta.

14.- Com os 10% estamos demonstrando que agimos um pouco diferente do que acontece em casos semelhantes, em que a solidariedade só fica na boca. Mas nunca esqueceremos que os companheiros novos, na mesma luta, inexplicavelmente perderam o processo maior. Engraçado que um outro processo dos novos foi ganho, na mesma Justiça do Trabalho. Isso aconteceu. A gente sabe que a justiça dos homens não é mesmo perfeita, porque todos os homens temos defeitos, fraquezas.

O nosso gesto de descontar os 10% para os novos é simbólico, embora possa representar mais que a indenização legal, se tivessem ganho o processo.

Deus, que sempre nos guiou na dura caminhada, há-de nos ajudar a descobrir uma saída que não fique só no dinheiro.

#### 15.- O SINDICATO

Como vimos, dos cinco problemas, 4 foram resolvidos pelo atual Governo. Resta um, a devolução do Sindicato, construído por nós e que deve estar sempre nas mãos dos trabalhadores, que saberão indicar seus dirigentes. Se errarem na escolha, saberão destituir os maus dirigentes, com base no estatuto da entidade sindical.

Todo mundo sabe que é mais fácil, ou menos difícil, a gente lutar por meio do Sindicato. Mas permanecer no Sindicato, com homens comprometidos, não dá pé. É melhor deixar a sede e ficar no sereno com os

com companheiros que não se vendem.

16.- Um ano de intervenção se passou e nada de conclusão do Delegado do Trabalho. Paciência! Sabemos esperar. Ahamos mesmo que a intervenção, embora tenha sido um grave erro do Ministério do Trabalho, permitiu mostrar que se pode lutar apenas com o "sindicato de homens", deixando de lado o sindicato de tijolos, ocupado por burocratas, funcionários que têm hora certa para abrir e fechar a sede. Nunca abriram o sindicato aos domingos e à noite, quando o trabalhador pode com mais facilidade frequentar a sede. Naturalmente cumprem ordens. Não esqueceremos que por várias vezes pedimos a sede ao Delegado, para reuniões com o nosso advogado, mesmo na presença dos interventores, mas o Delegado sempre se negou.

17.- Precisamos ainda uma vez repetir que a intervenção no sindicato foi uma arbitrariedade. Arbitrariedade que nos prejudicou, e que beneficiou Abdalla. Arbitrariedade porque violou as convenções internacionais, isto é, os compromissos que o Brasil assumiu na Organização Internacional do Trabalho, em Genebra, na Europa. Quem é conhecido por não cumprir as leis é Abdalla. Ele sempre zombou das leis.

Mas como para todo erro existe uma pena, um castigo, nós, depois de esgotados todos os recursos para acabar com a intervenção no Sindicato, decidimos apresentar queixa contra o Governo brasileiro na ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. É um direito nosso para que o Governo corrija a autoridade que não cumpre a lei. Não cumpre e beneficia Abdalla. Está tudo no livrinho O CASO PERUS E A LIBERDADE SINDICAL NO BRASIL.

A intervenção no Sindicato tem de acabar.

"Tudo tem um começo e um fim".

#### 18.- A L E R T A

Queremos insistir em dois pontos:

primeiro: os companheiros que vieram da SOCAL devem se associar ao Sindicato. Ninguém corre o risco de ser dispensado. Acabou o "olheiro", que está sendo processado. Dentro de alguns meses haverá eleições. E vocês poderão votar, escolher livremente os dirigentes.

segundo: APOSENTADOS e companheiros que estão gozando de auxílio-doença do INPS, vocês também, mesmo que não paguem mensalidade ou façam doação mensal, vocês têm os mesmos direitos dos outros que estão em serviço. Só não podem ser votados para a direção do Sindicato. Mas podem votar. A lei é boa, nesse ponto. Continuem frequentando a sede do sindicato. Dentro em breve (sabemos esperar), haverá eleições e nós haveremos de escolher nossos dirigentes. As eleições são uma coisa boa.

Fiquem todos atentos para concorrerem às eleições que vão afastar de uma vez os homens comprometidos com o "peleguismo" que todos combatem com palavras, mas que continua bem alimentado.

U M P E D I D O

19.- Cada um de nós tem uma história para contar nesses doze anos e meio de resistência. Cada um tem uma experiência própria, vivida com a família, com os companheiros, com as autoridades. Conte pra gente pelo menos dois fatos. Um mais duro ou triste, e outro mais alegre. Se tiver dificuldade em escrever, peça a ajuda do filho, do vizinho, do amigo, ou a um de nós da Comissão Permanente. Escreva com a máxima franqueza, quanto quiser. Estamos preparando material para um livro e a sua colaboração é necessária.

Você tem 30 dias para responder. Conte-nos a sua história.

20.- DUAS PERGUNTAS

Primeira pergunta: Depois dessa longa e sofrida resistência, vale a pena um encontro geral para uma confraternização com os povos e com aqueles que nos ajudaram nesses 12 anos e meio, isto é, de 14.5.62 a 14.11.74? Se vale a pena, de que forma e em que dia? Juntos em Cajamar e Perus ou separados? Responda também por escrito, em 5 dias, após receber o atrasado.

Segunda pergunta: Vale a pena a gente guardar para sempre e transmitir aos nossos filhos o significado do dia 14 de maio de 1962? Vale a pena fazer todos os anos no dia 14 de maio um encontro no Sindicato ou na rua, defronte ao Sindicato?

Favor responder por escrito, em 5 dias.

21.- UMA ADVERTÊNCIA DE IRMÃO

Aguentamos e hoje muita gente está achando bonito. Cuidado com os confetes. Os "queixadas" não vão agora botar o rei na barriga. Cuidado! Aproveite toda a ocasião do "papo" sobre a greve e informe o que aconteceu, com base na sua experiência e ajudada por este resumo e avaliação da greve. Precisamos mostrar que sem ódio ou conchavo a gente pode crescer por dentro, ser mais homem. Ser mais homem por defender a verdade, a justiça. Ser mais homem para distinguir o homem daquilo que ele faz. Assim como a gente às vezes castiga o filho, porque gosta do filho e quer ver o filho no caminho certo, também em relação a Abdalla, nós, "queixadas", não queremos mal a ele, que tem uma família que merece o nosso respeito. Se ele castigado como devia, ele vai aprender a lição e vai melhorar. É o que queremos. Queremos que todo mundo melhore um pouco, de vagar, crescendo por dentro, sem ser "puxa-saco". Somos todos irmãos, ontem, hoje e amanhã, sabendo que só encontraremos a paz onde houver justiça, isto é, respeito por todos os homens que têm direito a uma vida decente com sua família.

"Queixada", vamos em frente, porque a luta não acaba nunca. Unidos! E se a gente às vezes discordar um do outro, o que é normal, a gente precisa voltar a conversar. Rever a posição e o que estiver mal in formado, deve ser esclarecido com a boa vontade do outro, com franqueza, honestidade. Hoje eu ajudo o companheiro, amanhã sou ajudado por êle. E ajuda não é só material ou em dinheiro, mas uma palavra de irmão, na hora difícil, conforta mais que todo o dinheiro do mundo.

Ficamos aguardando suas respostas por escrito. Precisamos de la.

COMISSÃO PERMANENTE TRABALHADORES

Sebastião Fernandes Cruz

João Breno Pinto

Ivemberguez Suzart Machado

Gino Rezaghi

Oscar Gondari Wurzbacher

Reynaldo Pessini

Mário Carvalho de Jesus  
advogado

"Créditos: "Acervo da greve dos" Queixadas" 150 meses da Luta Operaria em Perus e Cajamar  
14/11/1974 – Casa da Memória Prefeitura do Município de Cajamar.

### 7.3 - O Fim do Governo Médici e o Início do Governo Geisel e o recebimento das Indenizações.

Em 1 de Maio de 1974, o Sindicato enviou a Presidente Geisel, um abaixo assinado com 3500 assinaturas dos trabalhadores e parentes reivindicando a pagamento da indenizações aos trabalhadores ou seus herdeiros.

As repostas começaram a vir em Outubro de 1974, quando o Presidente Geisel permitiu que a União Confiscasse a Fábrica de Cimento Perus, a Estrada de Ferro Perus Pirapora e as Pedreiras de Cajamar, a Empresa Social foi arrendada para todos os funcionários aos empregados e todos os funcionários voltaram a ser registrados pela Fábrica de Cimento Perus.

Em Novembro de 1975, a União fez um depósito em uma conta judicial de mais de 18 milhões de cruzeiros para pagar os trabalhadores que entraram em Greve de 1962 á 1969, vitória dos Queixadas, o pagamento foi feito a luz de velas aos trabalhadores e herdeiros na frente do Sindicato de Cimento, Gesso, cal de São Paulo em Perus.

Foi um dia de festa para os que lutaram até o fim e nunca desistiram com a firmeza- permanente.

O Trabalhador é tido como fraco indeciso e indiferente, pode se transformar em um forte, quando a União faz a força, com a não violência conseguiram ganhar está vitória judicial, moral e de perseverança... Nunca desistiram.



Créditos: Acervo da greve dos Queixadas "O pagamento foi feito aos trabalhadores em frente à sede do Sindicato, em Perus, sob a luz de velas" Novembro-1975– Casa da Memória Prefeitura do Município de Cajamar.

## 7.4 - As Mulheres Queixadas

As mulheres ficaram conhecidas como Piqueteiras, sendo esposas dos Queixadas foram muito elogiadas pelos seus maridos, já que elas estiveram presentes nos movimentos, nos piquetes, na greve e na fome, na igreja e na firmeza permanente. Permaneciam fortes nos locais estratégicos, contando marchinhas e vigiando para que ninguém “furasse” a greve; sempre orientadas quanto ao seu direito ao piquete, o direito de esclarecer a população sobre razões do movimento.

Essas Mulheres, esposas de Queixadas, faziam parte de uma luta na porta da Fábrica de Cimento Perus e nas pedreiras de da Companhia Portland Perus em Cajamar – SP, na década de 60.

Elas faziam piquetes no portão número 4 impedindo a entrada e saída de caminhões na Fábrica de Cimento Perus, os caminhões voltavam vazios e impendiam os trens com minérios que viam de Cajamar para abastecer a fábrica com sua matéria – prima em frente à Vila Triângulo.

O Seu papel na história foi também de lutas contra as injustiças cometidas pelo grupo Abdalla, na vitória final em 1969 elas fizeram uma passeata com faixas e cartazes até a portaria número 4 da Fábrica comemorando a volta dos maridos para o trabalho em meio a aplausos e brados de alegria fazendo um V vitória para os Jornalistas e Fotógrafos.

**“Não imagino sem tu mulher, a luta de José”!**

**Bendita sois vós entre as mulheres**

**Guerreira Maria de “palavra”...**

**Braços nossos, esposas de Queixadas!**

Trecho do texto teatral “A greve Guerra”

Por Adamias Souza



“Créditos: Acervo da greve dos Queixadas “Esposas dos Queixadas fazendo piquete em frente à Pedreira em Cajamar” 1962 – Casa da Memória Prefeitura do Município de Cajamar.



“Créditos: Acervo Greve dos Queixadas “Esposas dos Queixadas fazendo piquete em frente à Pedreira em Cajamar” 1962 – Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Cimento, Cal e Gesso de São Paulo.

## **7.5 - A Última Greve e o Fechamento da Fábrica 1986.**

Mesmo após a Greve de 1962 á 1969, com as indenizações pagas pelo Governo Federal, e a intervenção Federal da Fábrica e das Jazidas Calcário em Cajamar, e a Intervenção do Sindicato e a volta ao trabalho de 309 trabalhadores estáveis, os ano finais da década e 70 e anos 80 não mudaram ás condições de trabalho e atrasos de salários e insalubridade.

Mesmos com as péssimas condições impostas pelo patrão, os operários conseguiram aumentar á produção aumentar a produção de 75.000 mil toneladas de 1980 para 175.000 toneladas de cimento em 1983.

Em 1984 houve uma nova greve pelo fim do Cartel Implantando pela Indústria Cimenteira que reuniu diversos trabalhadores defronte ao Escritório do Grupo Votorantim na Praça Ramos de Azevedo – Centro de São Paulo- SP, o Grupo Votorantim em nota alegava que estava suspendo o fornecimento do clínquer (matéria-prima) para produção de cimento comprada pelo Grupo Abdalla desde 1983.

A Situação já não era boa e piorou, a empresa passou a adquirir grandes dívidas, inclusive na venda do Cimento Perus o primeiro do Brasil, os trabalhadores passaram a reivindicar o fim do monopólio do Cimento e a baixa do produto para o Bairro de Perus, e o incentivo dele para construção de casas populares para trabalhadores do Grupo e moradores do bairro.

Em 15 de Outubro de 1986, a fábrica parou novamente, em função da má administração do Sr. Abdalla Filho Presidente do Grupo Abdalla e do Sobrinho e herdeiro do Grupo, por conta do Cartel do Cimento, falta de matéria- prima, a eliminação do Cimento Perus, pelo Grupo Votorantim, a empresa sem compradores, fecham as pedreiras de Cajamar.

Em Janeiro de 1987, o Governador do Estado de São Paulo André Franco Montoro, tomba como patrimônio Histórico do Estado a Estrada de Ferro Perus Pirapora, pela Secretaria da Cultura e o Condephaat. A Linha Férrea de 60 cm de Bitola entre os trilhos, locomotivas, vagões de carga e de passageiros, tornando-se a última ferrovia do Brasil usar a bitola, que preserva a memória da época da industrialização e algumas locomotivas do famoso “Trem das Onze”, que garantiu uma gigantesca área verde em torno da linha.

A Fábrica funcionou até Março de 1987, com muitas dificuldades de arcar com a folha de pagamento, rescisões trabalhistas das Pedreiras de Cajamar, sem vendas no mercado e sem alternativa... Ela não conseguiu recuperar seus antigos índices de fabricação ela encerra um Ciclo de um Império de Cal e Cimento do País.

Com o fechamento da Fábrica em Perus, o bairro se torna dormitório e muitos dos trabalhadores tiveram que se realocar na Cidade de São Paulo e Municípios vizinhos em busca de emprego, Mas a última Greve deixou para o bairro de Perus, que a Greve teve seu fim, mas a Luta contra as injustiças sociais não... A firmeza permanente resiste...

## 7.6 - José João Abdalla, o “mau patrão”.

José João Abdalla (1903-1978), médico, vereador (1931-1934) e Prefeito da cidade paulista de Birigui (1937-1941), foi constituinte em 1946 pelo Partido Social Democrático (PSD) e Deputado Federal (1946-1950 e 1954-1964) pela mesma agremiação. Foi Secretário do Trabalho sob o Governador Ademar de Barros nos anos de 1950 e 1951.

Líder de extenso império industrial, bancário e agropecuário; em 1951, José João Abdalla adquiriu fábrica, ferrovia, pedreiras de calcário, o Sítio Santa Fé (fazenda de reflorestamento situada em Perus, à beira da ferrovia cimenteira com mais de 10 km quadrados) e terras que cobrem cerca de 60% do território do atual Município de Cajamar, onde o poderio da Companhia era tão presente que, para se instalar em 1960, a Prefeitura precisou que o deputado lhe cedesse uma edificação.

Um elemento com grande ressonância em toda sociedade que invariavelmente fazia parte dos panfletos e comunicados dos queixadas era o conceito de mau patrão, sonegador e desrespeitador da lei popularmente associado ao deputado José João Abdalla. Com a instauração do regime militar em 1964, a mesma imagem negativa foi essencial para que o empresário fosse incluído na primeira lista de cassações e investigados sob suspeitas de corrupção sem provocar protestos e ressentimentos mais visíveis. Decretada sua prisão em 1965, Abdalla acabou tornando-se foragido, até ser preso e ter grande parte do patrimônio confiscado.

Ainda que diversos outros políticos e empresários brasileiros tenham sido também (ou poderiam perfeitamente) ser objeto de acusações, inquéritos e medidas punitivas semelhantes, o fato que permanece é que há poucos casos de personalidades tão estigmatizadas na história do Brasil como José João Abdalla. Uma falha assumida da pesquisa ora exposta é que não foi possível identificar o momento originário a partir do qual o apelido de mau patrão tornou-se tão firmemente conectado a este cidadão. No entanto, o mecanismo social como tal associação sustentou-se ao longo de décadas.

A questão principal é que os nomes das empresas do deputado que se converteram em objetos de denúncias jornalísticas, processos e condenações judiciais tornaram-se indissociáveis de sua imagem pessoal; e a razão capital para tanto era a própria atitude imperial de uma ocorrência invariável no noticiário consultado é o poder extremamente limitado dos advogados credenciados como representantes das empresas de Abdalla em mesas redondas promovidas pela Delegacia Regional do Trabalho e nas audiências da Justiça. Diretores das empresas dificilmente compareciam a estes eventos e a outras tratativas com os trabalhadores. Quando o faziam, a sequência do noticiário geralmente mostrava que os próprios dirigentes não necessariamente gozavam de situação melhor do que a dos procuradores judiciais, como era o caso de Nicolau e Antônio João.

## 7.7 - Abdalla x Doutor Mário Carvalho de Jesus

Um dos motivos diferenciado nas reivindicações foi à solidariedade com as causas de outras Empresas do Grupo Abdalla. Esse item foi polêmico e confundiu a opinião pública. Muitos acusavam os Trabalhadores das Pedreiras de Cajamar de se envolverem em questões particulares, as entidades Sindicais formaram um verdadeiro rolo compressor contra o Grupo Abdalla, a fim de obrigar a cumprir as Leis vigentes no país, e marcaram uma greve geral para o dia 14 de Agosto de 1962.

Participaram o Sindicato das Indústrias de Cimento, Cal e Gesso, a Federação dos Trabalhadores da Indústria de Alimentação de São Paulo, o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Alimentação de Pirajuí, o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Papel e Papelão do Estado de São Paulo, a Federação dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgicas do Estado de São Paulo e a Federação dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Estado de São Paulo.

O patrão era dono das seguintes empresas: Usina Miranda, em Pirajuí; Tecelagem Japy, em Jundiaí; Fábrica de Papel Carioca, em São Paulo; Cimento Perus e Copase ( Companhia Paulista de Celulose) .

Doutor Mário afirmou que J.J. Abdalla, ao saber do Movimento, disse que agora estava preparado para a greve e que iria esmagar os Queixadas, devido ao sucesso da greve de 1958, quando os funcionários haviam conquistado todas as reivindicações. No dia 14 de maio de 1962, Abdalla teria antecipado à greve de Perus, colocando viaturas da Polícia dentro da Empresa e Retirando os cartões de ponto da chapeiras, os quais não queriam mais na sua empresa, indicando-os por abandono de emprego. Mais de 4000 trabalhadores entre todas as lideranças sindicais paralisaram os serviços. Após um mês de paralisação, Abdalla fez um acordo em separado com outras categorias, através de Luís Tenório de Lima, então Presidente da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação do Estado de São Paulo, com Doutor Mário e João Breno Pinto (Presidente do Sindicato de Perus) ouviram o seguinte: “ Abdalla vai esmagar os Queixadas”. Mário conta: “De fato, quase fomos esmagados. E as reações dos trabalhadores foram as mais variadas. Dois deles foram ao suicídio, outros para depressão”.

Na verdade, podemos avaliar que a duração da greve seu deu por conta de um episódio. Sendo mais claro: os trabalhadores de todas as empresas do grupo foram atendidos, Menos da Fábrica de Cimento Perus. A partir daí começaram inúmeras audiências para provar a legalidade da greve. Somente em 1969 os estáveis puderam voltar ao Trabalho por determinação da Justiça, exatamente pelo fato de Abdalla ter atendido as reivindicações de outras empresas e não as dos funcionários do Cimento Perus, o que foi considerado como discriminação. O processo continuou por vários anos para garantir a indenização do período de greve.

## 7.8 - Quem Ganhou e Quem Perdeu?

Os instáveis, aqueles com menos de dez anos de Empresa, não conseguiram receber nenhuma indenização e não tiveram o direito de voltar ao trabalho. O Grupo dos estáveis recebeu, em 1974, os salários atrasados de 1962 á 1969 período da greve. Segundo Doutor Mário, foi feito um acordo entre os Queixadas de doar uma porcentagem da indenização em solidariedade aos instáveis e para pagar os honorários Advocatícios, pois já tinha perdido bens móveis e imóveis por conta da greve. Não se sabe se todos os trabalhadores instáveis receberam a tal porcentagem... Ao fim, o Grupo Abdalla foi derrotado na Justiça e teve seus bens confiscados pelo Governo Federal.

### O Dia da Vitória

Ergui minha bandeira e segurei uma tocha na mão!  
Fomos às ruas, viramos esquinas, subimos ladeiras.  
Chegamos ao sindicato, feito procissão a São Sebastião.  
A vitória era nossa, sorrisos amarelos se abriram!  
Os dias doídos haviam terminados.  
Uns festejam mais.  
Outros festejam menos.  
Os dias doídos chegam ao fim.  
De boca em boca corria:  
Acabou a Guerra, acabou a Greve!  
Um chorava, outro sorria.  
Tristeza, dor e alegria.  
João Breno Dizia: Vençam com humildade.  
Padre Bianchini aconselhava: levantem sempre a bandeira da não violência ativa.  
O advogado Mário Carvalho pedia: Contem para os seus netos, falem da Greve – Guerra para o mundo...  
(Trecho da Peça de Teatro: Greve – Guerra)

## 7.9 - Pelegos x Queixadas e a Lei 1244/ 2007 da Prefeitura Municipal de Cajamar dia 14/05 Feriado em Homenagem aos Pelegos e Queixadas de 1962.

Queixada: Tipo de porco do mato que, quando se vê acuado, junta-se em grupo, batendo o queixo e botando o inimigo para correr. No caso da greve, o termo simboliza a capacidade de organização dos grevistas em luta contra o Tubarão, representado pelo poderoso Abdalla; a construção dessa simbologia é atribuída ao então Procurador do Estado, Nelson Coutinho, que na greve de 1958, movia um processo Fiscal contra o Cimento Perus, Coutinho era conhecedor de histórias ligadas a caçadas e pescarias, já os Queixadas era o nome editado pelos grevistas em uma Revista Mundo Melhor.

Pelegos: Termo usado para ofender os operários que voltaram ao trabalho no “Dia do Furo” 14 de Agosto de 1962. Pelego é a pele do Carneiro com a lã, usada como tapete para pisar ou como amortecedor entre o lombo de um cavalo e a sela. Segundo o Dicionário é uma pessoa subserviente, capacho.

Tubarão: Um dos apelidos de Abdalla, simbolizando o poder e a astúcia.



Créditos da Imagem: Porco do Mato ficou conhecido como Queixada, Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias do Cimento, Gesso e Cal de São Paulo.



# Prefeitura do Município de Cajamar

ESTADO DE SÃO PAULO

LEI Nº 1.244

DE 29 DE MARÇO DE 2007.

## “INSTITUI O HINO OFICIAL DO MUNICÍPIO DE CAJAMAR, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS”

**MESSIAS CÂNDIDO DA SILVA**, Prefeito do Município de Cajamar, Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais faz saber que a Câmara Municipal aprovou, e ele sanciona e promulga a seguinte Lei:

**Art. 1º.** Fica instituído oficialmente o Hino Municipal de Cajamar, cuja obra, letra e música é de autoria do músico/compositor Nelson Lima, que deverá ser executado na conformidade do que dispõe o anexo desta Lei.

**Art. 2º.** É obrigatória a execução mensal do Hino Municipal de Cajamar, nas escolas públicas municipais.

**Art. 3º.** O Hino Municipal de Cajamar deverá ser executado nos eventos oficiais, bem como pela Guarda Municipal de Cajamar.

**Art. 4º.** As despesas decorrentes da aplicação desta Lei, serão suportadas por dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

**Art. 5º.** Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

**Art. 6º.** Ficam revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura do Município de Cajamar, 29 de março de 2007.

  
**MESSIAS CÂNDIDO DA SILVA**  
Prefeito Municipal

  
**ROBERTO VANDERLEI DOS SANTOS**  
Diretor de Administração

*Publicada e registrada na secretaria da Diretoria Municipal de Administração da Prefeitura do Município de Cajamar, aos vinte e nove dias do mês de março do ano de dois mil e sete.*



# Prefeitura do Município de Cajamar

ESTADO DE SÃO PAULO

Lei nº 1.244/07 - Fls. 02

## ANEXO HINO MUNICIPAL DE CAJAMAR

Composição (Letra e Música)  
Nelson Lima

*"CAJAMAR, BERÇO DE BRAVOS TENHO ORGULHO DESTE CHÃO  
NOSSO CEU DE ESTRELAS BRILHANTES DOS TEUS MONTES VERDEJANTES  
É TÃO SUBLIME AO VENTO VER NOSSO BRASÃO*

*CAJAMAR QUE TANTOS SONHOS EM SEUS TRILHOS CONDUZIU  
NOSSO SUOR GEROU CIMENTO, PARA O DESENVOLVIMENTO  
DAS DIVISAS DO BRASIL*

*DO VERDE QUE RENASCE NOS TEUS MONTES  
SE FEZ PAPEL PRO MUNDO ESCREVER  
SÃO TANTAS RIQUEZAS SUAS FONTES  
QUE NOSSO NOME SEMPRE HÁ DE CRESCER*

*A LUTA DOS PELEGOS E QUEIXADAS  
LEMBRANÇAS QUE NÃO VÃO SE APAGAR  
POR TODOS QUE HONRARAM A TERRA AMADA  
SE HASTEIA A BANDEIRA DE CAJAMAR*

*CAJAMAR, DE UM POVO UNIDO SEMPRE PRONTO A SERVIR  
RECONSTRUINDO A CADA DIA NOSSA HISTÓRIA COM HARMONIA  
FIRMES NA LUTA DE CRESCER E PROGREDIR*

*CAJAMAR, SEU CAMPO VERDE ONDE BROTOU O ARAÇÁ  
HOJE É SEMENTE DO FUTURO E NOSSA GENTE SENTE ORGULHO  
DE VIVER NESSE LUGAR*

*SEU NOME É ENDEREÇO DO PROGRESSO  
DESTAQUE ENTRE AS CIDADES DA NAÇÃO  
RECEBERÁS DO CÉU ETERNA BENÇÃO  
DO PADROEIRO SÃO SEBASTIÃO"*

## 8.0 - Anexos

### Anexo 1 – Questionário para as Entrevistas “Filhas de Queixadas”

Nome:

Idade:

Naturalidade:

Quando veio morar em Perus?

Qual foi a sua participação na greve dos “Queixadas”?

Tinha alguma religião na época? Qual?

Qual foi a participação do seu pai na greve? E da sua mãe?

Qual a sua maior dificuldade durante o período da greve?

Em sua opinião, qual foi o maior motivo da luta dos “Queixadas”?

## **Anexo: As Cartas**

### **Anexo 2 – Filha de Queixada.**

Nome: Cleunice Aparecida Rocha

Idade: 57 anos

Naturalidade: Perus – São Paulo.

Quando veio morar em Perus? Sou nascida na Vila Triângulo no Complexo Industrial da Companhia Portland de Cimento.

Qual foi a sua participação na greve dos “Queixadas”? Eu Era criança não tive nenhuma participação devido a pouca idade, mas os meus irmãos participaram ativamente de todos os protestos e passeatas em prol dos Queixadas.

Tinha alguma religião na época? Qual? Sim, somos todos católicos.

Qual foi a participação do seu pai na greve? E da sua mãe? O Meu pai Nestor Rocha Chapa 168, foi Queixada do começo ao fim da greve, foi obrigado também a tirar uma nova Carteira Profissional e conseguiu emprego na Companhia Melhoramentos em Caieiras. Mina mãe começou a costurar para fora para ajudar no sustento dos filhos, minha irmã começou a trabalhar como Doméstica com nove anos de idade e no fundo quintal a gente plantávamos verdura e vendíamos na rua durante o período da greve.

Qual a sua maior dificuldade durante o período da greve? Foi o corte de energia elétrica durante três meses, como a Ação de Despejo que não só não aconteceu devido a forte repercussão na imprensa, passamos fome e vivíamos da ajuda do Sindicato que nos fornecia alguns alimentos.

Em sua opinião, qual foi o maior motivo da luta dos “Queixadas”? Cumprimento do Acordo Coletivo, pagamento de Salários atrasados, Direitos Sociais como o salário família e casa própria.

## Anexo: As Cartas

### Anexo 3 – Filha de Queixada.

Nome: Ivani Luiza Rocha

Idade: 63 anos

Naturalidade: Perus – São Paulo.

Quando veio morar em Perus? Sou nascida na Vila Triângulo no Complexo Industrial da Companhia de Cimento Portland Perus.

Qual foi a sua participação na greve dos “Queixadas”? Eu na tive participação, pois era uma menina na época, mas a minha Família que era Rocha como sobrenome, participou ativamente durante os sete anos de greve, Tios, irmãos e meu pai foram Queixadas.

Tinha alguma religião na época? Qual? Sim, na época éramos católicos, hoje sou Evangélica da Igreja Quadrangular.

Qual foi a participação do seu pai na greve? E da sua mãe? O Meu pai participou ativamente da greve de 1962 junto com os Queixadas, mas no mesmo ano ele faleceu trabalhando na Cabine do Telegrafo, mas a família Rocha continuou na luta. Minha mãe Olinda Camargo Rocha passou a trabalhar como empregada doméstica para o sustento dos quatro filhos, mas o Sindicato nos ajudava com alimentos para o nosso sustento.

Qual a sua maior dificuldade durante o período da greve? A Minha perdeu o bebê assim que nasceu no período da greve de 1962, as cartas com ameaças de despejo e o corte na energia elétrica durante três meses.

Em sua opinião, qual foi o maior motivo da luta dos “Queixadas”? Foi devido o não cumprimento do Acordo Coletivo e de direitos sócias e pela promessa do patrão da casa própria que não foi cumprida houve uma desavença entre empregados e patrão que criou uma divisão entre Pelegos x Queixada

## Anexo: As Cartas

### Anexo 4 – Filha de Queixada.

Nome: Antônia Aparecida Gonçalves da Silva

Idade: 62 anos.

Naturalidade: São Paulo – SP.

Quando veio morar em Perus? Eu vim com sete anos de idade o meu pai era Maquinista de trem na Estrada de Ferro Perus Pirapora.

Qual foi a sua participação na greve dos “Queixadas”? Na tive nenhuma participação devido à idade no começo da greve, quando comecei a ter consciência das arbitrariedades contra os trabalhadores passei a participar com as mulheres fazendo piquetes na porta da fábrica e na linha férrea.

Tinha alguma religião na época? Qual? Sim, éramos todos católicos, mas hoje sou evangélica da Igreja Quadrangular.

Qual foi a participação do seu pai na greve? E da sua mãe? O meu pai Gentil Gonçalves da Silva Chapa 139 , participou durante os sete anos de greve, em que foi gerado um clima de guerra entre Pelegos x Queixadas e brigas entre as famílias, participou efetivamente nas passeatas e protestos contra a companhia de Cimento Perus, foi orientado a tirar uma nova carteira de trabalho e conseguiu um emprego de Guarda noturno como um trabalho paralelo para manter a família. A minha mãe participou ativamente da greve, passou a plantar uma horta no fundo do quintal e passou a vender verduras na rua e foi uma das mulheres piqueiras que faziam protestos no portão número 4 impedindo a entrada de caminhões e na própria linha férrea em frente à Vila Triângulo impedindo a saída e chegada de trens com minérios vindo de Cajamar.

Qual a sua maior dificuldade durante o período da greve? Foram várias as divisões entre as famílias acabou dividindo às pessoas, que não falavam com outras por conta da greve, o corte de energia elétrica e a ameaça de despejo.

Em sua opinião, qual foi o maior motivo da luta dos “Queixadas”? Foi à luta contra ao mau patrão que não respeitava acordos coletivos e não aceitava às reivindicações dos funcionários e nem do sindicato, foram anos de lutas, mas a vitória veio em 1969 com homens e mulheres que ferozmente venceram J.J. Abdalla.

## **Anexo: As Cartas**

### **Anexo 5 – Filha de Queixadas**

Nome: Sônia Aparecida Puppo Da Silva.

Idade: 64 Anos.

Naturalidade: Perus – São Paulo

Quando veio morar em Perus? Nasci no complexo industrial do cimento Perus na vila Triângulo pela parteira Dona Rosa única parteira de Perus.

Qual foi a sua participação na greve dos “Queixadas”? Ajudava a mãe com passeatas e ajudava a segurar faixa na porta da fábrica e no Centro de São Paulo.

Qual foi a participação do seu Pai na greve? O meu pai era Alcides Puppo, era Apontador da Fábrica de Cimento Perus, aderiu à greve durante os sete anos de greve, mas logo arrumou outro emprego em uma Construtora na Cidade de Santos, mandava o dinheiro todo mês para o sustento da Família.

Qual a sua maior dificuldade durante o período da Greve? Eu me lembro de que o Sr. Nicanor era Eletricista e Pelego da Fábrica cortou nossa luz e ficamos a luz de vela durante Três meses. Outra foi à alimentação, recebíamos ajuda do sindicato Quinzenal, o meu irmão mais velho foi trabalhar para ajudar nos sete anos de Greve.

“Em sua opinião, qual foi o maior motivo da luta dos “Queixadas”? Reinvidicação Salarial e não cumprimento do acordo coletivo com o sindicato.

## **Anexos**

### **Anexo 6 – Questionário para as Entrevistas**

“Filhos de Queixadas”

Nome:

Idade:

Naturalidade:

Quando veio morar em Perus?

Qual foi a sua participação na greve dos “Queixadas”?

Tinha alguma religião na época? Qual?

Qual foi a participação do seu pai na greve? E da sua mãe?

Qual a sua maior dificuldade durante o período da greve?

Em sua opinião, qual foi o maior motivo da luta dos “Queixadas”?

## Anexo: As Cartas

**Anexo 7** – Carta de Comerciante que vendia para os Trabalhadores da Companhia Portland Perus

Nome: Elias Aoun

Idade: 87 anos

Naturalidade: Juiz de Fora – Minas Gerais – MG

Quando veio morar em Perus? Foi no Ano de 1942, meus pais se mudaram para Perus em São Paulo, e instalaram uma loja de tecidos, trabalhei como comerciante tendo como clientes muitos dos operários da fábrica, as lojas vendiam tecidos e as roupas eram feitas por costureiras e alfaiates.

Por quê? Vim com a família e a loja passou de pai para filho.

Tinha alguma Religião na época? Tinha sim. Qual? Católico. Como era sua participação religiosa na época? Até hoje somos católicos e frequentadores da mesma igreja Santa Rosa de Lima em Perus.

Qual a sua motivação para participar da Greve, na época? Não tive nenhuma, mas fui uns dos comerciantes que vendia na caderneta para os grevistas durante o sete anos de greve.

Qual a sua maior dificuldade durante o período da greve? Era receber dos grevistas, me lembro de que apenas duas pessoas não conseguiram pagar.

Qual foi a sua maior ação? Foi o próprio Abdala orientar o comércio não vender nada para os Queixadas, mas não atendemos á recomendação. Participação na época? Acompanhamos a greve e os que os trabalhadores tiveram que fazer para seguir a vida, muitas conseguiram outros empregos com uma nova carteira de trabalho.

Em sua opinião, Qual era o principal motivo da luta dos Queixadas? Foram vários como: Salário – Família, Casa Própria, Direitos Trabalhistas, Melhores Salários.

Você se Lembra de alguma frase ou música utilizada nas manifestações? A Firmeza permanente e não violência.

## **Anexo: As Cartas**

### **Anexo 8 – Filho de Queixada**

Nome: Arlindo Paes

Idade: 66 anos

Naturalidade: Perus – São Paulo

Quando veio morar em Perus? Sou nascido no Bairro de Perus, e passei a morar na Vila Triângulo na Vila operária com sete anos de idade em 1957.

Qual foi a sua participação na greve dos “Queixadas”? Quando me tornei adolescente sentia as dores do meu pai e passei a participar das passeatas e assembleias realizadas na sede do Sindicato do Cimento.

Tinha alguma religião na época? Qual? Sim, somos todos católicos e frequentávamos a Paroquia São José Operário na Vila Triângulo.

Qual foi a participação do seu pai na greve? E da sua mãe? O Meu pai Orlando Oliveira Paes Chapa 498, foi Queixada e participou da Greve durante os sete anos, teve que tirar outra carteira de trabalho sem registro algum teve diversos empregos para sustento da família, mas nunca deixou de acreditar na luta. Minha mãe Benedita Rosa Paes trabalhou como costureira e ajudante de Cozinha no período da greve, para ajudar o meu pai no sustento da família para manter os 10 filhos com a alimentação e outras necessidades básicas.

Qual a sua maior dificuldade durante o período da greve? Passamos por muitas dificuldades financeiras na época, tivemos a luz cortada durante três meses amando do Abdalla, só tinha energia elétrica nas casas dos pelegos, comecei a trabalhar com 14 anos para ajudar no sustento da casa e dos irmãos menores.

Em sua opinião, qual foi o maior motivo da luta dos “Queixadas”? Ela se deu por conta da Greve 1958, em que os trabalhadores lutaram para conseguir o Salário Família, a tão sonhada Casa Própria, Reajuste Salarial e melhores condições de trabalho e a luta pela Insalubridade devida o pó de cimento.

## Anexo: As Cartas

### Anexo 9 – Filho de Queixada.

Nome: José Carlos da Luz

Idade: 64 anos

Naturalidade: Perus- São Paulo.

Quando veio morar em Perus? Sou nascido na Vila Triângulo no Complexo Industrial da Companhia Portland Perus.

Qual foi a sua participação na greve dos “Queixadas”? A Minha foi em todos os protestos e manifestações contra o grupo de J.J. Abdalla, junto com o meu pai que também participou da greve de 1958.

Tinha alguma religião na época? Qual? Sim, somos todos católicos.

Qual foi a participação do seu pai na greve? E da sua mãe? Meu pai José Carlos da Luz

Chapa 122 trabalhava como foguista na Estrada de Ferro Perus Pirapora, participou ativamente da greve em passeatas e protestos na porta da fábrica e no centro de São Paulo, e inclusive impedindo a passagem dos trens em frente á Vila Triângulo. A Minha mãe participou de todas as manifestações e protestos em frente aos portões de entrada da Fábrica impedindo á entrada e saída dos veículos e na própria ferrovia que passava na porta de casa.

Qual a sua maior dificuldade durante o período da greve? Foi à falta de alimentos em casa, a ameaça de despejo e o corte de energia elétrica, meu pai nessa situação não teve alternativa, a não ser de trabalhar na Construção do Estádio de Futebol do Palmeiras.

Em sua opinião, qual foi o maior motivo da luta dos “Queixadas”? A Luta se deu pelos atrasos nos salários, pelo não cumprimento dos acordos coletivos feitos pelo Sindicato e pelo desconto de 5% da folha de pagamento para aquisição da Casa própria algo que não se concretizou.

## Anexo: As Cartas

### Anexo 10 – Filho de Queixadas

Nome: Nelson Aparecido Bueno de Camargo

Idade: 69 anos.

Naturalidade: Perus – São Paulo.

Quando veio morar em Perus? Sou nascido em Perus, mas nunca morei na Companhia Portland Cimento Perus.

Qual foi a sua participação na greve dos “Queixadas”? Não participei em momento algum, a não ser ajudar o meu pai em outros serviços durante a greve.

Tinha alguma religião na época? Qual? Sim, sou Católico.

Qual foi a participação do seu pai na greve? E da sua mãe? O Meu pai André Bueno de Camargo Chapa 490, foi Queixada durante todo o tempo de greve, participou ativamente de todos os protestos, fez greve de fome, passeatas e assembleias contra o poderoso Abdalla, mas também teve que arrumar diversos outros empregos sob orientação do Doutor Mário Carvalho de Jesus, que tinha a dimensão sobre a situação dos trabalhadores. Minha mãe Antônia Garcia de Camargo participou como mulher piqueteira , nos portões da Fábrica impedindo a entrada de caminhões e chamando atenção da mídia para a causa dos Queixadas.

Qual a sua maior dificuldade durante o período da greve? Mesmo durante a greve não houve nenhuma dificuldade financeira, meu pai sempre trabalhou em outros serviços como pedreiro.

Em sua opinião, qual foi o maior motivo da luta dos “Queixadas”? Não sei o certo, mas acredito que a greve foi uma jogada da Igreja Católica na tentativa de evitar a entrada do comunismo no Brasil, as reivindicações para a época era em benefício unicamente do operário, nada era pensado em favor da nação, ou mesmo um favor da empresa, ou “Mau Patrão” A divisão de bens não pode e não deve ser igual porque um dado momento, todos serão pobres, a igreja vive da miséria humana e quanto mais conflitos ela estiver envolvida será a sua arrecadação. O pobre paga para obter milagres e o rico paga para não ser incomodado e assim todos vivem em paz, deixando a igreja cada dia mais rica.

## **Anexo: As Cartas**

### **Anexo 11 – Funcionário da Companhia Portland Cimento Perus – Queixada.**

Nome: Sebastião Silva de Souza.

Idade: 83 anos.

Naturalidade: São Paulo – SP.

Quando veio morar em Perus? Sou nascido em Perus, mas nunca morei no Complexo Industrial da Companhia Cimento.

Qual foi a sua participação na greve dos “Queixadas”? Quando começou a greve no dia 14/05/1962, eu tinha apenas sete meses de empresa trabalhava na Carpintaria, participei durante os sete anos da greve, mas com a vitória dos trabalhadores em 1969, não teve direito de retornar ao trabalho e nem receber á indenização, não tinha 10 anos de empresa, não tinha direito a estabilidade.

Tinha alguma religião na época? Qual? Sim, sou católico.

Qual foi a participação do seu pai na greve? E da sua mãe? Os Meus pais não participaram da greve, o meu pai trabalhou bem antes da greve.

Qual a sua maior dificuldade durante o período da greve? Foi ficar sem receber salários por sete anos, tive que arrumar outros empregos durante a greve, eu consegui entrar na Prefeitura de São Paulo aonde me aposentei.

Em sua opinião, qual foi o maior motivo da luta dos “Queixadas”? Não Cumprimento do Acordo Coletivo com o Sindicato atrasos de salários, salário família e o desconto de 5% da folha de pagamento para aquisição da casa própria que não aconteceu.

## **Anexo: As Cartas**

### **Anexo 12 - Filho de Queixadas**

Nome: Sidnei Fernandes Cruz

Idade: 67 Anos

Naturalidade: Brasileiro

Quando veio morar em Perus? 1950

Qual foi a sua participação na Greve dos “Queixadas”? Quando fiz 13 anos fui trabalhar para ajudar meus Pais, e acompanhei meu pai em suas atividades durante a Greve, sempre que o possível.

Tinha alguma religião na época? Católica.

Qual foi a participação do seu pai na Greve? E da sua mãe? Meu pai foi um dos líderes do movimento. Minha mãe sempre foi solidária participava junto com outras esposas Queixadas.

Qual a sua maior dificuldade durante o período da Greve? Falta de liberdade, nós morávamos na vila Operária.

Em sua opinião qual foi o maior motivo da Luta dos “Queixadas”? O direito a Cidadania.

## **Anexo: As Cartas**

### **Anexo 13 – Filho de Queixadas**

Nome: Mauro Gonçalves Da Silva.

Idade: 64 Anos.

Naturalidade: Perus – São Paulo.

Quando veio morar em Perus? Fui morar no Complexo industrial do Cimento Perus com Sete Anos de idade, o meu pai era maquinista na Estrada de Ferro.

Qual foi a sua participação na Greve dos “Queixadas”? Não tive participação, pois era criança apenas acompanhava o meu pai nas Assembleias do Sindicato.

Qual foi a participação do seu pai na Greve? Participava de todas as Assembleias, protestos e manifestações no Centro de São Paulo. Fez greve de Fome no largo São Francisco em frente a Faculdade de Direito.

Qual a sua maior dificuldade durante o período da Greve? A maior dificuldade foi com a alimentação, o meu pai foi ajudante de pedreiro, ajudou na Construção do Estádio do Palmeiras e na Estrada de Ferro Santos Jundiaí, foi assistir televisão com 17 anos de idade.

Em sua opinião, Qual foi o maior motivo da luta dos “Queixadas”? Era a reivindicação Salarial.

## Anexo: As Cartas

Anexo - Cleunice Aparecida Rocha - 57 Anos Filha de Queixada.

nome: Cleunice Aparecida Rocha (filha de Queixada).

Sou a filha de Paulo Rocha um homem que considero um Verdadeiro herói que através de suas atitudes nos ensinou a lutar pelos seus direitos. A greve de Fênus durou 7 anos de 1962 a 1969 talvez a mais longa de toda nossa história.

Os trabalhadores reivindicavam seus direitos como pagamento de Salário atrasado, cumprimento de acordo coletivo entre outros por não serem atendidos conseguiram parar a produção da Fábrica por 99 dias no centésimo dia houve uma operação fura greve muito violenta a trabalhar apelidados de Pelego e outros resolveram aderir a greve chamados de queimados.

Da se iniciou a uma longa greve regada a muito sofrimento, dor e morte houve até Suicídio, passado alguns tempo os queixadas passaram a ser indesejados pelo mal patrão ~~queixada~~ e não os queria mais de volta alegando abandono de emprego da se iniciou a uma perseguição aos queixadas meu pai precisou fugir da polícia do DOPS na época. Estamos em quatrio invão e moramos na Vila operária casa da CIA

credeal

## Anexo: As Cartas

### Anexo 15 – Antônia Aparecida Gonçalves da Silva 62 Anos Filha de Queixada.

Tivemos a energia elétrica de nossa casa cortada, fomos ameaçados de despejo que só não aconteceu em virtude da forte influência da empresa. Passamos fome e vivíamos de ajuda de alguns familiares e do próprio Sindicato que nos fornecia algum alimento as coisas começaram a melhorar quando minha mãe começou a trabalhar para fora minha irmã mais velha aos 4 anos de idade começou a trabalhar de empregada doméstica fizemos um quintal onde plantamos e vendemos Verdura, maquiça como a que não tinha dinheiro para acabar e graças ao governador da época Ademar de Barros que ordenou a paralisação da perseguição policial aos queixados. Meu pai teve uma nova carteira profissional e foi trabalhar na CIA melhoramentos na cidade de Coqueiros. Se então tivemos um pouco de paz até aí foi uma vida de muito sofrimento. Depois de muita luta em 1969 com resultado positivo nos tivemos 501 queixadas considerados estáveis ganharam direito a indenização de volta ao trabalho.

Meu pai fazia parte dos 501 309 queixadas considerados não estáveis não tiveram os mesmos direitos. Este é um pequeno resumo do que foi a greve para a minha família.

## Anexo: As Cartas

### Anexo 14 – Ivani Luiza Rocha – 63 Anos Filha de Queixada.

Data 16.06.2017

① ② ③ ④ ⑤ ⑥

Meu nome é Ivani Luiza Rocha, my sobrinha  
bem conhecida aos mais velhos de Póis.  
Filha de José Rocha e Plinda Fumagosa Rocha.  
Meu pai em 1957, ele trabalhou ali até  
quando seus permitiu, porque no ano de 1962  
ele faleceu, trabalhava de guarda-mundo dos  
cabanos da fábrica, em todos os dias, em  
em eu algum de meus irmãos, iam os levar  
almoco, para ele de bicicleta, esta é uma das  
lembranças boas que guardamos.

Com o tempo não sei porquê, por algumas  
recomendações trabalhei, as funcionárias  
comizaram, a se desentender com o Patrão e as  
as greis, até se uniu que no qual alguns  
que não aceitaram e continuava a trabalhar  
e aí a separação entre queixadas e poços.

Nesta que ainda eu tinha meu pai junto que  
lutava muito com os queixadas.  
Sei de boa dessa que se segue a maior que  
que se vive que chegou lá, na qual, a família  
foi lá, até lá claramente ao lado dos queixadas  
depois que meus tios (irmãos de meu pai) todos  
trabalhavam na fábrica. Me lembro das assembleias  
que o N.º Mário advogado dos queixadas fazia no  
sede do sindicato. Foi Bruno que também estava  
sempre a frente. Foi também também dos piquetes  
feitos para que não saísse material de dentro da  
fábrica, os comilhões voltaram todos vazios.  
Mas como foi uma longa greve, de sete  
anos, todos passaram dificuldades e cada um  
procurava um jeito de sobreviver e dar o que comer  
para sua família. Me lembro também que o

data

6 7 8 9 0 1 2 3 4

judicato de limento cal, e gesso, procurava  
ajudar também, dando medicamentos as famílias  
Eu era uma criança ainda, mas fiquei  
marcada, as desavenças entre queixada e pelego  
junto sangadas do lugar, onde morava, das  
amigos do triângulo, que agora esta um deserto  
fui uma enorme tristeza no meu coração  
quando me lembro disso tudo.

U que mais ficou foi as lembranças dos amigos  
são mais de 50 anos.

Por ai ja se ve o quanto foi marcante em  
mossas vida

Muito Obrigado por tudo

Glauco Luiz Roda

### Anexo: As Cartas

Anexo 15 – Antônia Aparecida Gonçalves da Silva 62 Anos Filha de Queixada.

1º

### Cláudia

Meu pai se chamava Ovídio Gonçalves da Silva. Não sei exatamente a ano em que ele começou a trabalhar na fábrica de cimento só sei que ele trabalhou nessa fábrica por 40 anos.

Exercia o cargo de maquinista. Por volta dos anos 1962 deu-se início a uma greve por conta de vários revendicações trabalhistas.

Foi a maior greve da história de Brasil que eu saiba.

Esta greve durou 7 anos de muita luta, humilhações e sofrimento para todos os operários e suas famílias.

No início da greve, o sindicato dos trabalhadores da Indústria de Cimento Cal e Gesso de São Paulo, fornecia alimentos e roupas a todos os operários e suas famílias que por isso eram muito.

Grevistas, era como eram chamados os que ficaram a greve e voltaram ao trabalho sem dar apoio aos companheiros, quando que resultaram em muitas brigas e discussões que envolviam toda família.

Grevistas não se davam mais com Velozes, mulheres de Grevistas não se davam mais com mulheres de Velozes.

e também os filhos de Grevistas não se davam mais com filhos de Velozes. Era uma guerra geral.

O clima era de guerra mesmo. Foi que todos morávamos no mesmo lugar, e me lembro que haviam muitos palcos pelas instalações da fábrica de Cimento. Obviamente foram adicionados pelo J. J. Pádua, o meu pai.

A fábrica começou então a contratar novos funcionários para substituir os os operários aumentando cada vez mais o clima de revolta. Esses funcionários negros, eram considerados por nós como Velozes. Digo nós, porque toda a família de minha mãe, mulheres e crianças e filhos mais velhos obedeciam seguidamente as ordens que vinham de nossos pais. Por inúmeras vezes a família toda ia pra linha de trem pra fazer piquete para que a trem não passasse com pedras.

para fazer cimento e também para não deixar na entrada da palácio para impedir que comentes entrassem ou saíssem com carregamento de cimento, e a polícia ficava ali ameaçando e muitos foram presos.

Os Grevistas eram unidos e as famílias apoiavam no que fosse preciso.

7: O advogado dos Queixadas se chamava Dr. Mano Carvalho e seus filhos por estar sempre lutando à nossa favor. Dr. Mano foi felicitado em nome inteiro da mãe intensa confiança de todos enquanto que o advogado de JJ Abdala era uma deputada universitária chamada Conceição dos Santos Neves. Certa feita ela veio acompanhada de os eletricitas Pelegos a mando de JJ Abdala e certaram a energia das casas de todos os Queixadas. Me lembro que nesse dia muitos policiais estavam com eles para garantir que o serviço não fosse feito. Ficamos no escuro por alguns dias e na casa dos Pelegos tinha energia. Nesse, esses dias foram terríveis. Também era a nossa humilhação. Nosso advogado depois conseguiu reverter a situação e nossa energia foi religada para nossa alegria. Nos filhos de Queixadas, crianças ainda, fazíamos brinquinhos contra os Pelegos e sua advogada e exaltando os Queixadas e nosso advogado. Ouvi todas as notícias Queixada e família se reunia no sindicato para uma assembleia com o advogado para esperar de uma boa notícia que nunca chegaram.

eram conversas intermináveis, assim to que nós crianças não entendíamos e então dormíamos nos embos no desses pais, mas na noite seguinte lá estamos todos novamente. A Dr. Mano aconselhou a cada criança que tirassem noventa e um trabalho ganando pais e que seria bastante tempo e assim foi feito. Cada um foi trabalhar em uma empresa diferente. Meu pai durante o tempo que guarda indústrias e durante o dia vendia verduras que ele mesmo plantava na nossa horta. Depois de 7 anos a boa notícia chegou. Os Queixadas ganharam a qual. Enfim. Tiveram o direito de voltar ao trabalho na mesma função de antes e também foram indenizados por todo o tempo que durou a greve. Foi uma vitória e tanto. Foi um lindo dia. No dia da volta ao trabalho Queixadas e família, as crianças já delicadas e alguns jovens foram todos para o Paraná comemorar nossos pais. Foi uma grande

3º

passada com faixas e cantazes até a  
portana da fábrica onde pudemos ver  
nossos pais batendo o peito para trabalhar  
novamente em meio a aplausos e brados  
de alegria fazendo todos o V da vitória.  
Muitos eram os jornalistas e fotógrafos  
de jornais, rádio e televisão presentes.  
e anunciaram enfim a vitória dos  
Queixadas.

Jamais nos esqueceremos deste período  
de nossas vidas e também somos  
eternamente gratos a alguns homens  
que lutaram junto conosco firmemente  
contra J.J. Abdala e sua patção.

De: Manoel Carvalho de Jesus

João Breno

Sebastião Fernandes Cruz

Jamuel Bone e outros.

Obs. Obrigada pela oportunidade de  
relembrar momentos tão importantes da  
minha infância.

Vai algumas fotos de meu pai  
trabalhando e alguns amigos

foi muito emocionante

Toninho

Obs. Quero que fique a vontade para  
cortar e publicar o que achar melhor

OK!

Anexo: As Cartas

Anexo 19 – Sônia Aparecida Puppo Da Silva 64 Anos - Filha de Queixada.

Nome: Sônia G Puppo da Silva  
IDADE: 64 Anos  
NATALIDADE: Jem. - São Paulo  
QUANDO VEIO MORAR EM JEM. ?  
NASCIM. NO COMPLEXO INDUSTRIAL DO CIMENTO JEM. NA VILA ANIANGÓ, NELA MARTEIRA DONA ROSA LÚCIA MARTINS DE JEM.  
QUAL FOI A SUA PARTICIPAÇÃO NA GREVE DOS "QUEIXADAS" ?  
AJUDAVA A MÃE COM PASSAGENS E AJUDAR SEGURAR FAIXA NA PORTA DA FÁBRICA E NO CANTÃO DE SÃO PAUL. **ALTOSSAÍDO**  
QUAL FOI A PARTICIPAÇÃO DO SEU PAI NA GREVE ?  
O MEU PAI ERA ALCIDES ALMO ERA **ALTOSSAÍDO** DA FÁBRICA DE CIMENTO JEM., ADETIU A GREVE DURANTE OS SEIS ANOS GREVE, MAS LOGO ANTISSOCI OUVIU ENTÃO EM LIMA CONSTRUÇÃO NA CIDADE DE SÃO PAULO, MANDAVA O DINHEIRO TODO MÊS PARA O SUSTENTO DA FAMÍLIA.

QUAL A SUA MAIOR DIFICULDADE DURANTE O PERÍODO DA GREVE ?  
EU ME LEMBRO QUE O SR. NICANOR ERA ELETRICISTA E SELEGO DA FÁBRICA COMTEU NOVA LUTA E FICAR A LUTA DE VELA DURANTE TRÊS MESES. OUVIA FOI A ALIMENTAÇÃO RECEDIAMOS AJUDA DO SINDICATO QUINZENCIAL O MEU IRMÃO MAIS VELHO FOI TRABALHAR PARA AJUDAR NO SEIS ANOS DE GREVE.  
EM SUA OPINIÃO, QUAL FOI O MAIOR MOTIVO DA LUTA DOS "QUEIXADAS" ?  
REIVINDICAÇÃO SALARIAL E NÃO QUANTIMONTO DO ATO DO COLETIVO COM O SINDICATO.

11/07/2017. Sônia G Puppo da Silva

Anexo: As Cartas

## Anexo 11 – Elias Aoun – 87 anos Comerciante em Perus.

fundamentados na filosofia do Padre Lebrez, direitos estes que infelizmente na época não existiam nas leis brasileiras.

Essas exigências criaram uma situação difícil, os reclamos persistiam e as autoridades nada podiam fazer e assim essa demanda levou uns vinte anos terminando com o encerramento das atividades da Fabrica e os funcionários antigos receberam indenização. Toda demanda prolongada trás frustrações aos dois lados dos contendores.

Mas Perus com o tempo superou essa fase desagradável de sua historia e hoje é um bairro progressista e em bom estado de desenvolvimento com uma grande população que caminha para um bom destino.



Elias Aoun

Perus 10 de Maio 2017.

O meu amigo professor Luiz, autor deste livro, pediu-me que escrevesse algumas linhas sobre o bairro de Perus, local onde eu vivo á muitos anos.

Meu nome é Elias Aoun, sou brasileiro, mineiro, filho de libaneses. Meus pais mudaram-se para cá em 1942 e se instalaram com uma loja de tecidos. Naquele tempo não existia a industria de confecções, as lojas vendiam tecidos e a roupa era feita por costureiras e alfaiates.

Ainda jovem sucedi meus pais nesse comércio e assim passei grande de minha vida, só parando depois da aposentadoria.

Conheci este bairro quando era apenas um pequeno núcleo da área rural da cidade de São Paulo. Algumas casas em volta da estação ferroviária, a Praça Inácia Dias próxima ao ribeirão com algumas casas do senhor Ernesto Botoni, a Rua Edwiges Dias, a Vila Hungareza, a Vila Operaria e o acampamento da Fabrica de Cimento onde moravam boa parte de seus funcionários.

Não havia luz elétrica nem água encanada e nem tinha médicos, apenas uma modesta farmácia e um comércio bastante precário.

Chamou muito minha atenção o nome Perus para um lugar onde não existia nem uma destas aves e nem ninguém que as criava.

E este nome era estendido a uma grande fabrica de cimento que em cada saco desse produto vinha estampado a simpática imagem de dois perus, um de frente ao outro.

Esse assunto ativou minha curiosidade e passei a perguntar a pessoas antigas do lugar e soube apenas que havia uma lenda de que a muitos anos atrás houve uma mulher que morou aqui na região e que criava perus.

Não me conformei com essa inocente informação e resolvi conhecer melhor essa historia.

Pesquisei muito, os anos passaram e eu continuei firme em meu propósito até que consegui desvendar o mistério, o qual foi relatado em meu livro "Lembranças de Perus – O Bairro dos Minérios".

Quando vim para cá em 1942 a Fabrica de Cimento tinha pouco mais de dez anos de existência, ficava num espaço aberto sem cerca e sem qualquer serviço de segurança, e isso foi feito só bom tempo mais tarde. Possuia um desvio ferroviário por onde entravam os vagões de carga da Estrada de Ferro Santos Jundiaí e depois saiam lotados de sacos de cimento para abastecer o Brasil da época. Sendo a primeira fabricante do cimento nacional seu produto de ótima qualidade construiu as primeiras hidroelétricas brasileiras e também construiu a Nova Cap, a nova Capital do Brasil, Brasília. Possuia uns quinhentos empregados que somados ao numero de empregados na industria do minério de caulim e das pedreiras de feidspato e granito obtinha-se um nível excelente da economia do nosso bairro.

A fábrica era de propriedade de uma empresa Canadense, mas em 1951 foi adquirida pelo grupo empresarial J.J. Abdala com o qual funcionou normalmente por uns dez anos e depois passou a ter períodos de greves dos funcionários. Essas greves passaram depois a reivindicar não melhores salários, mas sim direitos trabalhistas de inspiração da Democracia Christian

## Anexo: As Cartas

### Anexo 12 – Arlion Oliveira Paz – 66 anos Filho de Queixada.

FINES QUE O "SESI" PASSAVA PARA NÓS, DE VEZ EM QUANDO. NESTE SACO ORGANIZAMOS DANÇAS E BAILES ONDE OS DANÇARINOS DANÇAM UM SHOW DE DANÇAS DE ROCK AND ROLL E SAMBA.

QUANDO AFOURTECEU A GREVE, A SEDE FOI OCUPADA POR POLICIAIS A PEDIDO DO MEU PAI. O QUE ERA DE PRAXE QUANDO EMPRESAS ERAM PARALIZADAS. MAS NUNCA EXISTIU VIOLÊNCIA. COM ISSO FICAMOS SEM O ÚNICO PONTO DE ENCONTRO ONDE ERA UM LOCAL DE LAZER DOS MORADORES DO TRIÂNGULO, MAS EXISTIA O CARAMANCHÃO PRÓXIMO A PORTARIA DA FÁBRICA, QUE TAMBÉM ERAM ORGANIZADOS GRANDES BAILES, TINHA BALANÇOS QUADRA PARA ESPORTES, UM GRANDE TANQUE ONDE O SR. GASPARL CRIAVA CARPAS E A FAMOSA BIBUINHA DE SANTO ANTONIO, ONDE ÍAMOS BUSCAR ÁGUA POTÁVEL, COM GARRAFÃO.

O TEMPO PASSOU, FICAMOS MAIS VELHOS E A DIVERSÃO NOSSA ERA O CARAMANCHÃO, APROXIMAR, ENFIM, TUDO UM POUCO MAIS VELHO GOSTA DE FAZER. O QUE EU NÃO ESQUEÇO É DE QUANDO BATAMOS O SINO DA CAPELA DE MADRUGADA PARA ACORDAR OS MORADORES E CORRÍAMOS DE ESCONDER NO MATO.

ARIUNDO OLIVEIRA PAZ, NASCIDO EM 24 DE AGOSTO DE 1.950, NO BAIRRO PERUS, CIDADE SÃO PAULO.

ME MUDSI PARA O TRIÂNGULO COM 7 ANOS DE IDADE EM 1957 E MOREI ATÉ O FINAL DOS ANOS 70.

MEU PAI, ORLANDO OLIVEIRA PAZES, TRABALHOU NA FÁBRICA DURANTE 35 ANOS, FOI QUEIXADA NO PERÍODO DE 14 DE MAIO DE 1962 ATÉ O ANO DE 1.969.

MINHA MÃE, BENEDITA ROSA PAZES, TRABALHOU COMO COSTUREIRA E ATUDANTE DE COZINHA NO PERÍODO DA GREVE, PARA ATUDAR MEU PAI NO SUSTENTO DA CASA, DOIS MEU PAI, HOMEN SIMPLIS NASCIDO NA ROSA E SEM PROFISSÃO NÃO TINHA CONDIÇÕES FINANCEIRAS POR GANHAR POUCO E SEM REGISTRO EM CARTEIRA, PARA MANTER SEUS 10 FILHOS COM ALIMENTAÇÃO E OUTRAS NECESSIDADES BÁSICAS; EU COM 14 ANOS COMECEI A TRABALHAR PARA ATUDAR MEU PAI, ASSIM COMO OUTROS IRMÃOS MAIS VELHOS. AS COISAS MELHORARAM UM POUCO MAS O MEU PAI NÃO ERA IRREGULAR E A GREVE CONTINUAVA.

QUANDO ME TORNEI ADOLESCENTE, TORNEI AS DORES DO MEU PAI E PASSEI A ACOMPANHÁ-LO EM ALGUMAS PASSAGENS E ASSEMBLEIAS REALIZADAS NA SEDE DO SINDICATO DO CIMENTO.

ANTES DA GREVE EXISTIA UM SACO NO TRIÂNGULO, O QUAL NÓS CHAMÁVAMOS DE "SEDE DO FLÁVIO", E LÁ ASSISTÍAMOS TELEVISÃO, UMA DAS 3 EXISTENTES NO TRIÂNGULO, ASSISTÍAMOS TAMBÉM OS

Anexo: As Cartas

Anexo 16 – Luiz Carlos da Luz 64 Anos Filho de Queixada.

1 / 1

Nome: Luiz Carlos da Luz

idade: 64 Anos.  
matrícula: Penus - São Paulo  
Quando você veio morar em Penus? Sou nascido na Vila Anhangub no Complexo Industrial da Companhia de Cimento Penus.  
Qual foi a sua antecificação na greve dos Queixadas? A minha foi em todos os Anotob, e manifestações como Greio de J.J. Abdalla Juntos Com o meu Pai Que também Anticibou da Greve de 1958.  
Nunca alguma religião na época? Sim, sou de todos Católicos.

Qual foi a antecificação do seu pai na greve? E da sua mãe? Meu pai José Carlos da Luz trabalhava como folguista na estrada de ferro Penus Anhangub Anticibou arduamente da greve em Anhangub e Anotob na Ponta da Fábrica e no Caminho de São Paulo inclusive impedindo a passagem dos Anos em frente a Vila Anhangub. A minha mãe Anticibou de todas as manifestações e Anotob em frente ao Anotob de entrada da fábrica impedindo a entrada e saída dos veículos e na Anotob fechou na porta de casa.

Qual foi a sua maior dificuldade no período da greve? Foi a falta de alimentos em casa a ameaça de despejo e o corte de energia elétrica meu pai nessa situação não teve alternativa a não ser de trabalhar na construção do Estádio do Alameiras.

1 / 1

Em sua opinião qual foi o maior motivo da luta dos Queixadas? A luta se deu pelo Anos nos salários pelo não cumprimento do Acordo Coletivo pelo sindicato e pelo descom de 5% da folha de pagamento para aquisição da casa Anotob que não se concretizou.

Luiz Carlos da Luz  
17/06/2017.

## Anexo: As Cartas

### Anexo 17 – Sebastião Silva De Souza 83 Anos Filho de Queixada.

Nome: Sebastião Silva de Souza

IDADE: 83 anos

NATURALIDADE: São Paulo - SP

QUANDO VEIO MORAR em Aenus? Sou nascido em Perus, mas nunca morei no complexo Industrial da Companhia de Cimento.

TIÑHA ALGUMA RELIGIÃO NA ÉPOCA? QUAL?

Sim, sou católico

QUAL FOI A PARTICIPAÇÃO DO SEU PAI NA GREVE?  
E DA SUA MÃE?

QUAL FOI A SUA MAIOR DIFICULDADE DURANTE O PERÍODO DA GREVE? Foi ficar sem receber salários por sete anos, tive que assumir outros empregos durante a greve, eu comecei a entrar na Prefeitura de São Paulo onde me apresentei.

EM SUA OPINIÃO QUAL FOI O MAIOR MOTIVO DA LUTA DOS QUEIXADAS? Não cumprimento do acordo coletivo com o sindicato, atrasos de salário família e o desconto de 5% da falta de pagamento para aquisição da casa própria que não aconteceu.

## Anexo: As Cartas

Anexo 18 – Nelson Aparecido Bueno de Camargo Filho de Queixada.

Nome: Nelson Aparecido Bueno de Camargo

IDADE: 69

NATALIDADE: Povo - São Paulo - SP

QUANDO VEIO MORAR EM PERUS?  
Apari no Bairro

QUAL FOI A SUA PARTICIPAÇÃO NA GREVE DO "QUEIXADA"?  
Não participei em momento algum, a mãe se opôs  
meu pai em outros serviços durante a greve.

TIAVA ALGUMA RELIGIÃO NA ÉPOCA?  
Católico

QUAL FOI A PARTICIPAÇÃO DO SEU PAI NA GREVE?  
Greve de Fome, Passantes e assembleias

QUAL A SUA MAIOR DIFICULDADE DURANTE O PERÍODO DA GREVE?

Memo durante a greve não houve nenhuma  
dificuldade financeira ~~durante a greve~~, meu  
pai sempre trabalhou em outros serviços

EM SUA OPINIÃO, QUAL FOI O MAIOR MOTIVO DA  
LUTA DOS "QUEIXADAS"?

Não sei o certo, mas acredito que a greve foi uma  
jogada da igreja católica na tentativa de evitar a  
entrada do comunismo no Brasil, as reivindicações para  
a época era em benefício unicamente do operário, nada  
era pensado em favor da classe, ou mesmo em  
favor da empresa, ou "Meu Pátrio". A classe de  
Bom não pode e não deve ser igual porque em  
um dado momento, todo seio pobre, a igreja vive  
da miséria humana e quanto mais conflitos ela  
estiver envolve de melhor ser sua arrecadação.  
O pobre paga para obter milagres e rico paga  
para não ser incomodado e assim todos vivem  
em paz, deixando a igreja cada dia mais rica.

Nelson Camargo

10/07/2017

Anexo: As Cartas

Anexo – Mauro Gonçalves Da Silva 64 Anos - Filho de Queixada.

QUAL A SUA MAIOR DIFICULDADE DURANTE O PERÍODO DA GREVE?

A maior dificuldade foi com a alimentação, o pai foi ajudante de nozeiro, assado na construção do Estádio de Palmeiras e na soca na estrada de ferro Santos Jundiaí, foi assistir televisão com 17 anos de idade.

EM SUA OPINIÃO QUAL FOI O MAIOR MOTIVO DA LUTA DOS "QUEIXADAS"?

ERA A REINDICAÇÃO SALARIAL

11/07/2017.

*[Signature]*

Nome: MAURO GONÇALVES DA SILVA

IDADE: 64 Anos

NACIONALIDADE: NENUS - SÃO PAULO.

QUANDO VEIO MORAR EM NENUS?

Foi morar no Complexo industrial do Cimento Nenus com 7 anos de idade. O pai era maquinista na estrada de ferro. Qual foi a sua participação na greve dos "Queixadas"?

Não teve participação era criança. A mãe acompanhava o pai nas assembleias do sindicato.

QUAL FOI A PARTICIPAÇÃO DO SEU PAI NA GREVE?

Participava de todas as assembleias, reuniões e manifestações no Centro de São Paulo. Fez greve de fome no Largo São Francisco em frente a Faculdade de Direito.

Anexo: As Cartas

Em sua infância qual foi o maior motivo da luta dos "Queixadas"? O Direito a Cidadania.

8.11.2017

1 / 1

nome: Sidnei Fernandes Cruz

idade: 67 anos

Naturalidade: Brasileira

Quando veio morar em Tenus? 1950

Qual foi a sua identificação na Greve dos "Queixadas"?

De 13 anos fui trabalhar para ajudar meus pais. E acompanhava meu pai em suas atividades durante o greve, sempre quando possível. Minha alguma religião na época? Católica

Qual foi a identificação do seu pai na Greve?

Meu pai foi um dos líderes do movimento. Minha mãe sempre colaborava participava junto com outras esposas de Queixadas

Qual a sua maior dificuldade durante o início da greve? Falta de liberdade nos movimentos na Vila Queixada

## 8.1

## Conclusão

O movimento operário de 1958 á 1962 foi capaz de articular a resistência unida pela Paz que é fruto da Justiça, que se sustentava nas suas grandes mobilizações contra a forma de operação imposta pela administração Abdalla, uma luta que avançou diretamente contra o controle majoritário da Fábrica de Cimento Perus.

Estas mobilizações operárias eram articuladas com os debates mais amplos na sociedade a partir do Partido Democrata Cristã (PDT) e da Frente Nacional do Trabalho (FNT) e das extensas redes de solidariedade ás greves, no Biscoito Aymoré e no Cimento Perus, que teve o apoio de órgãos da imprensa e da presença política da cúpula da Igreja Católica que indicava a amplitude no trabalho.

Desta forma, o auxílio que os operários precisavam em direção da fábrica, sempre no sentido de intensificar o funcionamento da fábrica apesar de críticas á “falta de manutenção dos equipamentos” que vinha acompanhado a lógica da gestão capitalista. A criatividade do trabalhador colocada a serviço do reforço de sua posição social na atividade produtiva estava atento aos amplos setores sociais que em algum momento poderiam intervir em favor dos funcionários de Perus e de Cajamar.

A liderança “Queixada” acerca do que aconteceu nos seus bastidores do Governo para que Perus e Cajamar se tornar um objeto não de um Decreto de Desapropriação, mas de uma intervenção tão brutal das forças de ordem que na memória destes trabalhadores, o Golpe Civil e Militar de 1964, passado anos parecendo um mau ainda bem menor. Há também as memórias das famílias que perderam suas fontes de renda e sustento que estavam entre o grupo de operários que não tinham a estabilidade.

Os movimentos Sociais se deram inspirados nas Comunidades Eclesiais de Base, herdeiras das políticas de tradições no Movimento “Queixadas” em Perus, com o Advogado Doutor Mário Carvalho de Jesus e do Presidente do Sindicato João Breno, o único meio de vencer a luta é através da Greve.

A Memória Social de Perus e de Cajamar ficou no imaginário de quem viveu neste período uma imagem negativa sobre os “Pelegos” que são produtos de uma derrota da greve de 1962, mas na resistência operária obteremos a vitória, na Firmeza permanente e na não violência.

Fora da Fábrica, acreditamos que os movimentos das mulheres esposas dos operários se deu na sua rebeldia diante as adversidades impostas pelo patrão, na obra de Michelle Perrot , acerca das mulheres populares de Perus que lutaram bravamente juntos com os seus esposos participando de protestos, passeatas e manifestações na luta Queixada.

Os trabalhadores tiveram sua vitória em 1969, e suas indenizações pagas em Novembro de 1975, entrando para história como a maior greve ocorrida no mundo.

Em 1980, a Fábrica, Ferrovia e Pedreiras foram colocadas á venda em hasta pública e retomadas pelo Grupo Abdalla, com a liderança de José João Abdalla, que nesta altura já tinha falecido e tinha substituído todo o controle majoritário para o seu sobrinho Antônio João Abdalla Filho, o (Toninho Abdalla).

Em Janeiro de 2001, o restante das terras que a família Abdalla possuía em Cajamar foi retomado Graças à vitória definitiva de um Processo Judicial.

## Bibliografia

Livro Perus o Bairro dos Minérios

Livro Memórias de Uma Inglesa

Livro 50 anos de Luta Sindical

Livro A Máfia do Cimento

Livro Os Queixadas

Jornal A Última Hora

Jornal Notícias Populares

Jornal O Estado de São Paulo

Jornal Folha de São Paulo

Filme os Queixadas

Folhetim do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Cimento, Cal e Gesso de São Paulo.

Arquivo Pessoal Doutor Mário Carvalho de Jesus

Arquivo Particular Nelson Bueno de Camargo

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Cimento, Cal e Gesso de São Paulo.

Igreja Católica Santa Rosa de Lima – Perus – SP.

à última greve e o Cimento Perus encerra as suas atividades no ano de 1987.

Hoje no imaginário de Perus ficou a Luta e a Esperança de homens e mulheres que desafiaram o poder e conseguiram mudar a história e deixou um legado que se tornou um grupo que se reúne todos os anos como os Filhos da Luta.

